

Luis Marcelo Balvoa

**ASPECTOS DO ALPINISMO CONTEMPORÂNEO NO MONTE  
ACONCÁGUA: IN-VERSÕES E TRANSGRESSÕES**

Trabalho de Conclusão apresentado ao  
Curso de Antropologia da Universidade  
Federal de Santa Catarina para a  
obtenção do Grau de Bacharel em  
Antropologia.  
Orientadora: Profa. Dra Sônia Weidner  
Maluf.

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Balvoa, Luis Marcelo  
ASPECTOS DO ALPINISMO CONTEMPORÂNEO NO MONTE  
ACONCÁGUA : IN-VERSÕES E TRANSGRESSÕES / Luis  
Marcelo Balvoa ; orientadora, Sônia Weidner Maluf,  
2017.  
120 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em  
Antropologia, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Integração social. 3.  
Etnografia. 4. meio ambiente. 5. alpinismo  
contemporâneo. I. Maluf, Sônia Weidner. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Antropologia. III. Título.

Luis Marcelo Balvoa

**ASPECTOS DO ALPINISMO CONTEMPORÂNEO NO MONTE  
ACONCÁGUA: IN-VERSÕES E TRANSGRESSÕES**

Este Trabalho de Conclusão foi julgado adequado para obtenção do  
Título de “Bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Curso de  
Antropologia

Florianópolis, 01 de dezembro de 2017.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Eugenia Dominguez  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Weidner Maluf  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ilka Boaventura Leite  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Dr.<sup>a</sup> Alejandra Beatriz Matarrese  
Universidad Nacional de La Plata/FCNYM-UNLP e  
PPGHISTORIA/UFSC



À memória do nosso amigo  
Lorenzo Mazzoleni, que partiu  
prematuramente no Monte K2 para  
a mais misteriosa das aventuras.

## AGRADECIMENTOS

À Diretora de *Recursos Naturales Renovables del Gobierno de la Provincia de Mendoza*, Ing. Mabel Chambouleyron pelo apoio a esta investigação;

Ao senhor Víctor Herrera, proprietário da empresa *Mallku Expediciones*, por ceder seu acampamento em Plaza de Mulas para servir de base à expedição, sem este apoio haveria sido praticamente impossível a realização da mesma;

Ao *Departamento de Antropologia* da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e ao *Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia BRASIL PLURAL* na pessoa da professora Dra. Sônia W. Maluf pela confiança no meu trabalho;

Ao *Centro de Pesquisa e Capacitação em Energia Solar* - Centro FOTOVOLTAICA-UFSC na pessoa do professor Dr. Ricardo Ruther e dos pesquisadores Pedro Henrique Alves Verissimo e Ruany Dolla pelo apoio tecnológico imprescindível para o sucesso da expedição;

Ao Serviço Médico do Monte Aconcágua, na pessoa do Dr. Bernabé Abramor, por sua colaboração para a realização de entrevistas dentro da anamnese do protocolo médico como prevenção ao MAM;

Aos *porteadores*, guías, *arrieros* e *campamenteros* que gentilmente responderam minhas perguntas e me ajudaram a ver a complexidade de relações existentes no Parque Provincial Aconcágua;

À *Patrulla de Rescate de la Policía de Mendoza*, pela paciência e respeito que me dedicaram nas conversas que tivemos em *Nido de Cóndores* e que me ajudaram a pensar novos ângulos para meu trabalho;

A minha filha Malena por insistir para que me inscrevesse na prova do vestibular e, claro, a dona Ramona, pelos anos me insistindo para que fizesse algo útil com minha vida. Estou tentando mãe...

E, muito especialmente, à arqueóloga Luciane Zanenga Scherer pelo seu apoio incondicional, sem este, a expedição não teria saído do papel.

*“Because it’s there”*

George Mallory, 1924.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso pretende descrever os modos de percepção e de relação com a montanha dos diferentes sujeitos que a escalam, a partir das atitudes corporais, relação com os objetos, com o ambiente e com os outros. Analisar as narrativas dos agentes envolvidos na atividade do alpinismo e dos modos como configuram, descrevem e interpretam suas expectativas e experiências relacionadas ao subir a montanha. Para tal foi organizada uma expedição científica com o propósito de acompanhar a rotina de grupos de alpinistas no acampamento base e na escalada. A obtenção de informações *in situ* destes agentes, foi realizada a partir de entrevistas abertas ou semiestruturadas. A pesquisa aconteceu no período compreendido entre janeiro e março de 2017 e dezembro e fevereiro de 2018 no acampamento base de Plaza de Mulas no Parque Provincial Aconcágua situado na Cordilheira dos Andes, Província de Mendoza na República Argentina. Partiu-se do pressuposto que haveria uma diferença de percepção sobre a localização “cultural” do cume para experientes e inexperientes, porém esta hipótese não se viu refletida no campo. Conclui-se que o aumento da comercialização nestes últimos vinte anos, produziu uma reconfiguração da cultura do montanhismo com consequências, positivas e negativas, para os sujeitos envolvidos e para o meio ambiente.

**Palavras-chave:** integração social; etnografia do alpinismo contemporâneo; meio ambiente.

## ABSTRACT

The aim of the present Graduation Thesis is to describe the ways of perception and relation with the mountain of the different subjects that climb it, from the corporal attitudes, and the relations they establish with objects, the environment and other subjects involved. It intends to analyze the narratives of the agents involved in the mountaineering activity and the ways in which they configure, describe and interpret their expectations and related experiences when climbing the mountain. For this purpose a scientific expedition was organized in order to share and experience the routine of groups of climbers in a base camp and during climbing. The in situ information from these agents was obtained by open or semi-structured interviews. The research was conducted during January and March 2017, and December and February 2018 at Plaza de Mulas base camp at the Aconcagua Provincial Park in the Andes mountain range, (Mendoza Province, Argentina). The initial assumption was that there would be a difference of perception about the "cultural" location of the mountain top for the experienced and inexperienced subjects, but this hypothesis was not reflected on the field. It is concluded that the increase in commercialization in the last twenty years has produced a reconfiguration of mountaineering culture with positive and negative consequences for the individuals involved, and for the environment.

**Keywords:** social integration; contemporary alpinism; ethnography; environment



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese gráfica da hipótese pré-pesquisa de campo	43
Quadro 2 – Resumo das aptidões e pré-requisitos da construção do sujeito alpinista	93
Quadro 3 – Sínteses gráfica do resultado da pesquisa de campo	102

## Sumário

<b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>15</b>
<b>A PRIMEIRA VISTA.....</b>	<b>19</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPITULO I.....</b>	<b>25</b>
<b>1.1. Numa barraca no Monte Aconcágua, vento forte e muita neve</b>	<b>26</b>
<b>1.2. Todos os caminhos conduzem à Antropologia.....</b>	<b>28</b>
<b>1.3. Primeira aula: o levante do bosque. ....</b>	<b>30</b>
<b>CAPITULO II .....</b>	<b>33</b>
<b>2.1. O jornalista começa a parir o antropólogo .....</b>	<b>34</b>
<b>2.2. Gestando o TCC .....</b>	<b>34</b>
<b>2.3. Por que uma pesquisa de campo no Aconcágua? Porque está aí. ....</b>	<b>37</b>
<b>2.4. O cume invertido e o cume primário.....</b>	<b>41</b>
<b>2.5. Futuro do Pretérito do verbo <i>observar</i> .....</b>	<b>43</b>
<b>2.6. Contexto territorial I – Acampamento Confluência .....</b>	<b>46</b>
<b>2.7. Um longo caminho a casa .....</b>	<b>59</b>
<b>2.8. Aos pés da grande montanha: o “Sentinela de Pedra” e eu. (Estratégias de pesquisa).....</b>	<b>63</b>
<b>2.9. Contexto territorial II – Acampamento Plaza de Mulas .....</b>	<b>66</b>
<b>2.10. O cliente, esse obscuro objeto de desejo (como entender o montanhismo atual) .....</b>	<b>80</b>
<b>2.11. Limites consensuais: o valor do peso numa escala de altitude e os <i>porteadores</i> do Monte Aconcágua.....</b>	<b>85</b>
<b>2.12. “Limite vertical”: o fim justifica os meios? .....</b>	<b>91</b>
<b>2.13. A expedição indonésia e o médico, crônica de uma tragédia que não aconteceu (Breve estudo de caso).....</b>	<b>96</b>
<b>2.14. O consumo de cumes e suas estratégias.....</b>	<b>99</b>

<b>CAPITULO III.....</b>	<b>105</b>
<b>3.1. Nesta colmeia não tem vespas, mas um enxame de abelhas ...</b>	<b>106</b>
<b>3.2. Palavras finais.....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO I - Equipamentos.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>113</b>



## **GLOSSÁRIO**

### **Aclimatação**

Processo fisiológico de adaptação à altitude, este processo leva algum tempo (20 dias aproximadamente), pois o corpo precisa produzir mais glóbulos vermelhos para captar as moléculas de oxigênio, que se encontram mais dispersas devido à menor pressão decorrente da maior altitude.

### **Arrieros**

São as pessoas que lidam e conduzem os animais de carga (no Parque Provincial Aconcágua, mulas). No Brasil um equivalente seria o tropeiro.

### **Bivaque**

É a técnica de dormir ao relento. Na montanha conhecer esta técnica pode ser a diferença entre a vida e a morte.

### **Campamenteros**

Pessoas que contratadas permanecem trabalhando nos acampamentos das empresas pelo período que dura a temporada. Entre eles há cozinheiros profissionais, ajudantes de cozinha, funcionários de atividades específicos (ex. administrar o uso e comercialização da internet no acampamento que tiver este serviço para os clientes).

### **Cordada**

Grupo de dois ou mais escaladores amarrados em segurança a uma corda.

### **Grampões**

Ferramenta de escalada e trânsito em gelo que se coloca na sola das botas e que consta de uns espetos (6 ou 8) para não escorregar. No grampão de oito pontas, duas estão localizadas na ponta da bota para poder escalar em ângulos verticais ou quase verticais.

### **Domo**

Barraca com formato geodésico.

**Escalada Indoor**

Uma vertente do alpinismo que se realiza em muros artificiais já preparados especialmente e com diferentes níveis de dificuldade.

**Guia**

Profissional treinado para liderar uma expedição. Este profissional precisa ser formado por um centro reconhecido e seguir as regras de segurança da UIAA.

**MAM**

Mal Agudo de Montanha (AMS em inglês) é uma constelação de sintomas que representa o seu corpo não sendo aclimatado à sua altitude atual.

**M.S.N.M**

Sigla para normatizar altitude nas montanhas, significa Metros Sobre o Nível do Mar. Sendo a linha do nível do mar o “marco zero” a contagem de metros para cima começa a partir daí.

**Prestador de serviços**

São as empresas particulares que oferecem serviços de acampamento, transporte, guias, etc. No Monte Aconcágua são cadastradas pelo governo.

**Pircados**

Amontoado de pedras que formam um muro que pode ter diferentes formas, principalmente cilíndricas, retas e montinhos. Servem como proteção e sinalização.

**Piolet**

Ferramenta de escalada e trânsito no gelo. Tem o formato de uma picareta, porém tem também outras finalidades, entre elas detenção nas quedas, utilização como âncora. Os modelos mais curtos e ergonômicos são utilizados em pares especificamente para a escalada técnica em gelo.

**Porteos**

Carga de equipamento ou suprimentos que é transportada aos acampamentos de altura.

**Porteadores**

São pessoas que se especializam em carregar o equipamento dos montanhistas para os acampamentos (base e de altura) por um preço estipulado. O exemplo mais conhecido é do povo Sherpa nos Himalaia.

### **Polartec®**

Uma família de tecidos de alto rendimento (baixo peso, alta capacidade de retenção do calor e boa eliminação do suor, conhecidos também como Fleece, sendo Polartec® o nome comercial.

### **Rapel**

Técnica utilizada para descer uma encosta ou parede íngreme. Utiliza-se uma corda e um elemento que provoque fricção (freios, Oitos, gri-gri, mosquetão com um nó dinâmico, etc.).

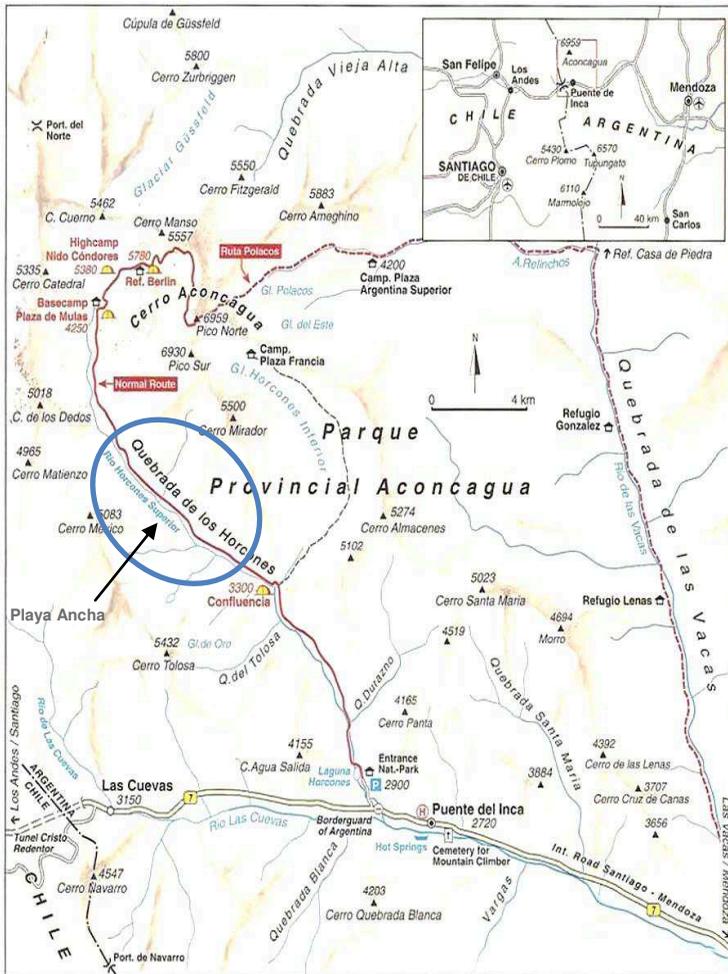
### **Trekking**

Palavra proveniente da língua inglesa que virou sinônimo de “caminhada em trilha” (de montanha, floresta, etc.).



## A PRIMEIRA VISTA...

Figura 1 - Mapa do Parque Provincial Aconcáguia e fronteira Argentina-Chile



Fonte: Centro Cultural Argentino de Montaña - CCA<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em < [http://culturademontania.org.ar/Relatos/REL\\_normalnoroeste-aconcaguamendoza\\_012010.htm](http://culturademontania.org.ar/Relatos/REL_normalnoroeste-aconcaguamendoza_012010.htm) > Acesso em 22/11/2017

## INTRODUÇÃO

Entre 16.000 a.C. e 14.000 a.C. o *Homo Sapiens* se internava em regiões do que hoje conhecemos como Sibéria. Um lugar com temperaturas que chegam aos 50°C negativos e que até os neandertais (mais adaptados ao frio) evitavam. Para suportar essas temperaturas, “aprenderam a fazer sapatos para neve e roupas térmicas eficazes compostas de camadas de pele de animal, costuradas firmemente com a ajuda de agulhas.” (Harari, [2015] 2017)

Há 5.300 anos, um homem baixo de aproximadamente 46 anos morria numa travessia pelas montanhas a 3.210 metros de altitude no maciço de Ötztal nos Alpes Orientais muito perto da fronteira do que hoje conhecemos como Áustria e Itália<sup>2</sup>.

Quinhentos anos antes do presente e a mais de cinco mil metros de altitude, na difícil e íngreme face sul-ocidental do Akon-Kahuak (então parte do Império Inca) uma criança de sete anos é sacrificada no ritual *capacocha*, (Mignone, 2010) e ali permanecerá até que uns andinistas a encontrem, por acaso, envolvida ainda em peças têxtis e rodeada de seis pequenas representações antropomorfas e zoomorfas. (Schobinger, 1999)

No dia 8 de junho de 1924 George Mallory e Andrew Irvine desaparecem quando estavam muito perto do topo do Monte Everest. Nunca mais voltaram. Vinte e nove anos depois, em 1953, Tenzing Norgay, do povo *Sherpa*, e o neozelandês Edmund Hillary alcançaram os 8.850 metros do seu cume.

Pela primeira vez em 1986 um homem conquista o cume dos quatorzes picos mais altos do planeta. Tratava-se do austríaco Reinhold Messner que realiza isto em estilo alpino, ou seja, sem oxigênio adicional e com o mínimo de equipamento. Alguns anos antes seu irmão mais novo Günther morria na descida do Monte Nanga Parbat depois de ambos o terem escalado pela via Rupal considerada impossível até esse momento.

O ano de 1996 foi marcado pela morte de oito pessoas que faziam parte de duas expedições comerciais ao Everest guiadas por Scott Fisher e Robert Hall. A imperícia dos clientes e a negligência dos guias em relação às mudanças climatológicas levou as expedições a serem engolidas por uma tempestade que matou a maioria dos seus membros.

---

<sup>2</sup> Disponível em < <https://arqueologiaeprehistoria.com/2013/06/13/otzi-o-homem-de-gelo-de-5-300-anos-atrascausa-mortis/> Acesso em 14/10/2016.

No começo da temporada de 2014 doze pessoas, entre guias e carregadores, do povo *sherpa* morreram numa avalanche nas proximidades do acampamento base do Monte Everest no glaciador Khumbu quando trabalhavam para expedições comerciais.

Em 2015 um terremoto de 7,9 na escala Richter que abalou Nepal deixando um saldo de mais de 3mil mortos, provocou avalanches que devastaram o acampamento base do Everest que resultou no maior número de óbitos numa única temporada: 20 mortos e cerca de 60 feridos.

Percebe-se, ao longo dos exemplos, três coisas: a) que há muito tempo subimos montanhas, b) que aumentou a quantidade de pessoas que realizam isto e c) que muitas pessoas sem experiência em alpinismo pagam para serem levadas ao cume. No cruzamento entre estes eixos constata-se facilmente que também aumentou a quantidade de pessoas que morrem nessas latitudes, a essas altitudes e por essas atitudes. Encontramos situações semelhantes em praticamente todas as montanhas famosas de todos os continentes. Desde finais da década de oitenta existe uma espécie de roteiro de cumes chamado de *Seven Summits* que é seguido por milhares de pessoas. Este roteiro – atualmente comercial- pretende representar os cumes mais altos dos sete continentes, porém ainda não houve consenso sobre quais seriam esses cumes, surgindo duas listas a de Bass e a de Messner, sendo esta última a mais utilizada hoje. A primeira vez que se fala em *Seven Summits* foi no livro de Richard Dick Bass que tem justamente este título. Não são os cumes mais altos do mundo, nem é o mais alto de cada continente (nessa lista a América está dividida em norte e sul, com um cume para cada). As montanhas são: Kilimanjaro (5893m) na África, Vinson (4892m) na Antártida, Everest (8848m) na Ásia, Aconcágua (6962m) na América do Sul, McKInley (6198m) na América do Norte, Elbrus (5642m) na Europa, e a Pirâmide Kartenz (4884m) na Oceania.

Este trabalho etnográfico pretende reconstruir as narrativas sobre a montanha e a experiência do montanhismo dentro do contexto da comercialização no qual se encontra inscrito atualmente. Também se incluíram nele a motivação que me levou a escolher este tema para concluir minha trajetória acadêmica na graduação em Antropologia e os fatos que balizaram esta decisão. Não há neste trabalho grandes teorizações, apenas se utilizaram autores das diferentes áreas do conhecimento (medicina, arqueologia, sociologia, política, economia, história, etc.) sendo preponderantes os autores da antropologia social. Espera-se que a recontextualização das narrativas das pessoas que fazem o montanhismo no Monte Aconcágua ajude a reconstruir, em (e com)

suas diferentes versões, contradições e transgressões no momento (e o local) em que esta pesquisa foi realizada. Pretende-se compreender a permeabilidade relacional que envolve os sujeitos que moram e convivem no acampamento base desta montanha, faz parte do objetivo desta pesquisa antropológica, descrever e analisar as diferenças (ou não) de percepção (por parte dos agentes envolvidos, clientes e alpinistas experientes) sobre a montanha e a experiência do montanhismo. E, a partir das atitudes corporais, relação com os objetos, relação com o ambiente e a relação com os outros reconstruiremos - na escrita etnográfica - as narrativas dos agentes envolvidos na atividade do alpinismo e dos modos como configuram, descrevem e interpretam suas expectativas e experiências relacionadas ao subir a montanha. Não foram abordados em profundidade temas como religião, corporalidade, simbolismo, etimologia dos termos nativos, performance, rituais, parentesco, gênero ou risco (em alguns casos apenas esboçados) nem se aprofundou teoricamente nem bibliograficamente nos autores prolíficos e conceituados nestes temas. Também não foram colocados os nomes reais das pessoas (se optou por colocar a primeira letra do sobrenome) ou empresas que colaboraram (das muitas e diferentes formas) com este trabalho, em muitos casos as pessoas só foram citadas pela sua profissão ou função. Não houve neste trabalho um único interlocutor, mas muitas pessoas que ajudaram a construir o diálogo entre o pesquisador, todos os que trabalham em Plaza de Mulass e os clientes.

A metodologia de trabalho em campo utilizada foi a observação participante (Costa, 1987). Sendo as entrevistas abertas e/ou semiestruturadas (Boni, Quaresma, 2005). Procurou-se com estas entrevistas mapear, descrever e analisar as diferenças (ou não) de percepção (por parte dos agentes envolvidos, clientes e alpinistas experientes) sobre a montanha e a experiência do montanhismo.

“Outra forma de coletar dados através da observação ocorre quando o pesquisador utiliza a observação participante. A observação participante se distingue da observação informal, ou melhor, da observação comum. Essa distinção ocorre na medida em que pressupõe a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador deixa de ser um observador externo dos acontecimentos e passa a fazer temporariamente um estilo de vida que é próprio do grupo que está sendo pesquisado. Esse método é muito utilizado quando se pretende pesquisar, por exemplo, alguma seita religiosa e seus

rituais. Entretanto a observação participante, como técnica de trabalho de campo, é desaconselhada por alguns cientistas que acham que o pesquisador deve manter certa distância entre ele e o seu objeto de pesquisa em nome do resguardo da objetividade científica”. (COSTA, 1987 apud BONI, QUARESMA, 2005).

Em campo não se utilizou gravador, nem se fizeram filmagens, tudo foi registrado com papel e caneta e transcrito de noite na barraca para o diário de campo no computador. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas via internet após ter acabado o trabalho em campo. Incluída dentro da metodologia foram as fotografias, todas realizadas com celular, menos as que me foram cedidas para ilustrar determinados fatos que eu não tinha conseguido fotografar.

Pelo fato do nosso local de pesquisa ser um centro internacional cosmopolita, onde se falam muitas línguas, foi decidido com a orientadora deste trabalho estabelecer um roteiro geral de tópicos a serem indagados em três idiomas básicos: inglês, francês e alemão. Porém, em campo este roteiro não foi utilizado, o motivo foi que as entrevistas aconteciam mais fluidamente quando realizadas em contexto de conversações informais, por exemplo na hora de tomar chimarrão ou nas trilhas onde entregar uma folha (ou mesmo utiliza-la como roteiro de perguntas) enrijeceria ou atrapalharia o fluir do diálogo. A dificuldade das diversas línguas (que este roteiro pretendia driblar) foi de fácil solução, pois a maioria das pessoas se interessavam assim que eu desvendava meu trabalho e colaboravam para que eu pudesse entender sua posição sobre algum determinado assunto.

Na segunda temporada em campo se mudou a estratégia de aproximação e familiarização com os agentes sujeitos da pesquisa. Diferentemente da primeira temporada (e no começo da segunda) onde a aproximação se realizava após a apresentação do pesquisador e uma breve exposição do trabalho que se pretendia realizar; na segunda parte da segunda temporada em campo a estratégia foi –desde que já todos em Plaza de Mulas sabiam quem era eu- participar como trabalhador (lavador de pratos) em uma das empresas prestadoras de serviço, desta forma as entrevistas perdiam toda formalidade de entrevistado/entrevistador e passavam a acontecer naturalmente como conversas entre colegas de trabalho. Isto deu um grande impulso à pesquisa. O fato de participar observando desde um plano simétrico - entre os sujeitos e este pesquisador- possibilitou que muitas pessoas colaborassem de forma contínua neste trabalho, com a própria reflexão,

com a realização de múltiplos contatos com outros *campamenteros*, *arrieros*, guias e clientes, com discussão e a crítica, com fotografias. Por isso penso que este trabalho só pode entender-se desde o plural: não houve HUM informante, mas MUITOS coautores.

## 1. CAPITULO I

Inverno do ano 1993,  
3:00 AM

*“Não é quem mais alto chega,  
e sim aquele que influído pela  
beleza que lhe envolve, mais  
intensamente sente”.*

Maurice Herzog

## 1.1. Numa barraca no Monte Aconcágua, vento forte e muita neve

Aqui estamos... Simone e Lorenzo não voltaram ainda da Face Sul.

Já se passaram dois dias desde que voltamos de Plaza Francia<sup>3</sup> e agora a agonia de esperar em Confluência sem notícias deles. Estarão vivos? O plano era espera-los em Plaza de Mulass, mas com J. decidimos tentar subir pela via norte e, se conseguíssemos chegar ao Filo del Guanaco<sup>4</sup> a 6.800 msnm (Figura 2), poderíamos enxergar o final da Face Sul e talvez visualizar nossos amigos. E, se necessário, ajudar. Melhor tentar dormir que amanhã o dia vai ser longo.

Há quase dois meses que estamos no Parque Provincial Aconcágua fazendo parte da expedição italiana nomeada: Ande 93. O objetivo é ambicioso, escalar a Face Sul do Aconcágua no inverno. Nunca se tentou antes. E nunca se voltará a tentar. Como chegamos até aqui? Eu acabava de deixar meu emprego no jornal para escrever meu livro e o J. trabalhava ainda como guarda-parques, ambos estávamos no lugar certo quando apareceram os italianos procurando quem os ajudaria a portear equipamento e desse suporte. Mas nenhum de nós dois era tão qualificado para uma empreitada dessas, mesmo assim aceitamos empolgados.

Faz algumas horas que chegamos ao Refugio de Plaza de Mulass, como é inverno está totalmente abandonado, entramos por uma janela, tudo está escuro e tétrico, parecia que estávamos num filme de ficção científica numa nave abandonada no espaço. Parece exagero, mas se alguma coisa de grave acontecer vamos estar tão sozinhos como se estivéssemos, de fato, no espaço. Ninguém nos ajudará, estamos por conta e risco nosso. Este refúgio, um hotel de montanha, foi construído à revelia dos alpinistas de Mendoza, e visa atrair outro tipo de montanhista, um que aos poucos se começa a distinguir (e fazer notar) nos acampamentos base de todas as montanhas famosas do mundo: o cliente. Para a maioria de nós, este hotel refúgio é uma forma de poluição ambiental. Sua estrutura de aço, madeira e cimento quebra a belíssima harmonia das montanhas.

---

<sup>3</sup> Ver mapa da página 10

<sup>4</sup> O local conhecido como Filo del Guanaco, é uma formação geológica da montanha que une o cume sul com o cume norte. Tem esse nome porque foi achado um esqueleto de um guanaco (*lama guanicoe*) um animal da família dos camelídeos bastante comum nos países andinos da América do Sul.

Estamos preocupados com nossos amigos italianos. Sim, a esta altura da aventura já são nossos amigos. Ninguém fica impune à amizade depois de compartilhar tantos momentos de sacrifício. Anotamos no livro testemunho do refúgio-hotel nossas preocupações e nossa angústia. O tempo não melhora, não conseguimos gás extra e estamos gastando o nosso. Como derreteremos neve para fazer água sem gás? O vento bate muito forte em Cambio de Pendiente há quase cinco mil metros de altitude e se veem as rajadas de vento e neve. O cume está totalmente coberto por nuvens, que não são nuvens, mas o próprio vento branco. Nossos amigos não aparecem, e não conseguimos subir como teríamos desejado, não é seguro. Amanhã voltaremos a Confluência a esperar mais um pouco, se eles não aparecerem, teremos que descer para fazer o Boletim de Ocorrência na polícia. Essa com certeza será a pior hora.

Mas essa hora não chega. É de noite quando dois cansados alpinistas chegam à barraca. Tudo é alegria nessa noite de 20° negativos. Não há mais solidão, rimos, choramos e gritamos. J. e eu escutamos em silêncio nossos amigos contando que foram pegos por uma avalanche e que sobreviveram às duras penas descendo em rapel praticamente a face sul toda com uma cordinha de 9 mm de kevlar. Poderiam estar mortos, porém não morreram na Face Sul do Monte Aconcagua. Tantas alegrias, surpresas e tristezas me surpreendem pensando que nos faz agir assim? O alpinista francês Leonel Terray, autor de um dos clássicos da literatura de montanhismo *Los conquistadores de lo inútil* ([1961] 2015) tenta desentranhar as motivações deste agir:

“[...] El alpinismo no se considera generalmente como um deporte, lo que a veces parece discutible. Sea lo que fuere, esta actividad se diferencia del resto de los deportes por el hecho de que el hombre, em lugar de enfrentarse a otros hombres, com el deseo de superar a su semejante y sin duda de poder pregonarlo, lucha contra las fueras de la naturaleza y su propia debilidad. Salvo excepciones bastantes raras, al alpinista no lo espera la gloria, incluso ningun espectador puede animarle. Sin outro testigo que su compañero de cordada, en la soledad y el silencio de la montaña, se bate por la única satisfacción de vencer al obstáculo que se há impuesto, solo por el orgullo de sentirse flerte y valiente. Ningun juego está tan desprovisto de las contingencias humanas, ninguna actividad es mas pura, mas desinteresada que el alpinismo em su

forma primitiva, y es precisamente em esta sencillez, em esta pureza, donde reside su grandeza y su seducción.” (TERRAY, [1961] 2015).

Sem discordar com Terray penso, desde um olhar antropológico, que deve haver outra coisa muito mais profunda, poderíamos nos perguntar: que é o que realmente fazemos, quando acreditamos que estamos só escalando uma montanha?

Vou demorar muito tempo para começar a tentar responder essas perguntas.

Figura 2 - Filo del Guanaco e Face Sul do Monte Aconcágua

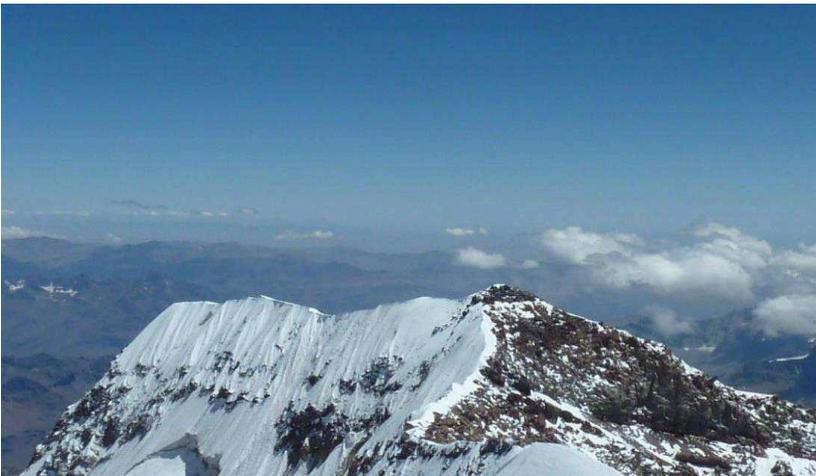


Foto: Damian Redmond

## 1.2. Todos os caminhos conduzem à Antropologia

Passaram-se mais de vinte anos a vida continua seu ritmo, já não há montanhas a minha frente só a imensidade do mar.

Confesso que meu primeiro vestibular não foi para antropologia, mas para arqueologia. Porém, a antropologia sempre, desde a época de jornalista, me atraiu pela sua abrangência multidisciplinar que vai desde o cultural até o biológico. Finalmente, após me inscrever no vestibular na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) terminei não fazendo a prova. Minha filha me convenceu a fazer o vestibular aqui em Florianópolis. Fiz a prova sem

muita pretensão de passar e por isto nem consultei os resultados, a surpresa foi grande quando me ligaram da Universidade Federal de Santa Catarina avisando que tinha passado e que no outro dia era o último dia de fazer a matrícula. Sem tempo para buscar a documentação na Argentina, perdi a chance de entrar no curso, era o ano 2012. Decidi refazer o ensino médio como preparação do próximo vestibular e também como uma forma de economizar os trâmites de reconhecimento e homologação de certificados. Nem me tomei o trabalho de correr atrás do diploma de jornalista, nunca o precisei em vinte anos de trabalho. Cursei novamente o ensino médio no CEJA e foi uma das melhores decisões que tomei. No outro ano fiz o vestibular novamente e desta vez com toda a vontade de passar. O curso escolhido: Antropologia. O resultado? A UFSC tinha um novo calouro.

Minha primeira semana de aula foi uma viagem no tempo. Primeiro por voltar aos claustros universitários e depois pelos acontecimentos que se sucederam.

Devo contar aqui que foi um choque muito duro - e que quase me fez desistir - descobrir que a antropologia que se faz na UFSC, e praticamente no Brasil todo, é muito diferente do que eu conhecia como antropologia. Descobrir que não haveria aulas de arqueologia, nem de antropologia biológica e forense. Que a palavra evolução era mal vista por alunos e pela maioria dos professores. Assim, como a maioria dos colegas que ingressaram junto comigo no vestibular, tive vontade de desistir naqueles primeiros dias. Muitos desistiram (no primeiro mês de todos os calouros que entramos ficamos menos da metade), eu, porém, continuei. Não pelo mérito de rever meu olhar sobre a antropologia, mas por teimosia. Guiado por amigos no estrangeiro, principalmente na Argentina e nos Estados Unidos, fiz profundas modificações no roteiro de disciplinas que pretendia realizar, aproximando-me dos quatro campos propostos por Franz Boas, por sinal um autor pouco ou quase nada lido no Brasil<sup>5</sup> apesar de ser o fundador da antropologia norte-

---

<sup>5</sup> “Em 2004 começou-se a saldar uma dívida enorme, no Brasil, para com a obra de Franz Boas (1858-1942). Por razões difíceis de compreender, até esse ano nenhum livro de Boas havia sido publicado no país. Não estavam disponíveis nem mesmo artigos publicados em coletâneas, e os cursos universitários utilizavam algumas poucas traduções amadoras de textos, ou sequer incluíam a leitura de algum original de Boas, optando por manuais e comentadores. Essa situação agravava-se nos cursos de graduação, nos quais em geral é difícil utilizar textos em inglês.” CASTRO, Celso. "Franz Boas: a formação da antropologia Americana, (1883-1911)" Resenha. Disponível em <http://www.antropologia.com.br/res/res23.htm> Acesso em 26/10/2017.

americana. Boas foi, junto a Radcliffe-Brown, Malinowski e Mauss, um dos pais fundadores da pesquisa antropológica moderna (Eriksen & Nielsen, 2007). Estas disciplinas complementares me levariam a conhecer outras faculdades e outros excelentes professores dentro da UFSC como, por exemplo, a Teoria Sociológica nas Ciências Sociais, a Arqueologia -não sei por que- na História, a Evolução Humana na Biologia, a Anatomia Humana na Morfologia (que me possibilitou participar da criação de um projeto pioneiro em Antropologia Forense na UFSC), entre outras. Foram fundamentais também as saídas a campo com o pessoal do Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia- LEIA, que deu o toque prático, e até prazeroso, a um curso extremamente teórico. Tudo isto contribuiu para que eu ficasse na universidade.

### **1.3. Primeira aula: o levante do bosque.**

Não tem como começar este trabalho sem falar desse fato, pois ele decidiu algumas coisas importantes em minha iniciante carreira acadêmica. A mais importante é que nesse dia decidi quem ia ser minha orientadora se um dia conseguia me formar. A segunda foi esse novo olhar sobre as coisas e, principalmente, as pessoas.

Era de tarde, estávamos tentando entender o ABC da disciplina Etnografia, principalmente os primeiros esboços de conhecimento sobre o Presente Etnográfico. Quando, de pronto, este (o Presente) saiu do papel e bateu na cara da gente. Não íamos ao campo, porém o campo vinha até nos. Penso agora na entrevista de Adam Kuper a Schapera quando ele lembra uma frase que este último teria dito quando lecionava no London School of Economics "O que o antropólogo vê realmente quando vai a campo? Ele vê escolas, vê igrejas, vê lojas, mas tudo isso fica fora das etnografias" (2001).

Um rapaz miudinho entrou de improviso na sala de aula e cochichou algo no ouvido do professor que levantou as sobrancelhas surpreso. Algo, evidentemente, estava acontecendo. O professor pediu para sairmos da sala, a aula estava suspensa. O bosque ao lado do Centro de Filosofia e Humanas (CFH) estava tumultuado, um carro impedido de sair, uma professora resistindo à pressão da polícia ao tentar defender os alunos e resguardar o espaço escolar. Os "calouros" não entendiam nada e eu, claro, entre eles. Os fatos começaram a acelerar: as decisões a se precipitarem, chega a tropa de choque da polícia militar (não deixa de ser interessante pensar também que só no

Brasil a polícia é chamada de Polícia Militar, nos outros países essa denominação só é dada à polícia do exército, que de fato é militar), os estudantes se organizam para resistir, há negociações infrutíferas. As bombas de gás lacrimogêneo e de efeito (in) moral ressoam e espalham seu cheiro, fumaça e mensagem. Alguns alunos são feridos por balas de borracha. Uma operação de distração e resgate começa a acontecer. A tropa de choque distrai os estudantes, enquanto um policial alto de preto passa por trás de mim e junto com outro pegam de surpresa aos estudantes e prendem o estudante motivo de toda esta situação (embora esta última frase, à luz de acontecimentos futuros, seja muito injusta). Quando as bombas começaram a ser jogadas, as pedras a responder às balas de borracha, pensei que tinha retrocedido no tempo e me encontrava no final da ditadura na Argentina cobrindo alguma manifestação anti-governo para o jornal que trabalhava. Polícia reprimindo numa universidade era um acontecimento anacrônico. Algo totalmente fora de lugar nos tempos democráticos que o Brasil vivia. Mas estava acontecendo. Nessa época não estava claro para mim, apesar de já estar no Brasil nessa época há quase duas décadas, que o povo brasileiro não havia passado a limpo sua história e que os fantasmas daqueles anos de chumbo continuavam a sair do caixão para lhes assombrar uma e outra vez. Que os carrascos de outrora hoje se erguiam como baluartes da honestidade e depositários e guardiões da moral brasileira. Mal sabia eu naquela época que minha vida universitária como acadêmico de antropologia estaria emoldurada por dois eventos trágicos e históricos na Universidade Federal de Santa Catarina. Um deles acabei de relatar e, o outro, foi o suicídio do reitor Luiz Carlos Cancellier. Um claro hiato de retrocesso nesses quatro anos e uma compressão nas instituições que ameaça faze-las implodir a cada dia que se passa. Novamente as palavras de Schapera ressoavam na minha cabeça: “o que o antropólogo vê realmente quando vai a campo?”



## 2. CAPITULO II

As crianças escrevem no céu

*“¿Como nos rehabilitaremos?  
Hay quienes recaen al llegar  
a la cima de una montaña.”*

Julio Cortázar, 1967.

## 2.1. O jornalista começa a parir o antropólogo

Uma das mais interessantes mudanças que eu percebi em mim (com muita surpresa) foi aquela relacionada à busca da verdade. Em jornalismo se pensa em informar o mais veridicamente possível, mesmo sabendo da impossibilidade da objetivação da informação sempre há uma busca por diferenciar o que é verdade do que não é. Para isso usa-se (entre outras) uma técnica que, olhada desde outro ângulo, não deixa de ter um viés estatístico, estou falando da “triangulação de fontes”. Para que uma informação seja passível de ser publicada deve ser sempre conferida (checada) e se de três fontes pelo menos duas coincidem então isso será aceito como verídico, conseqüentemente publicado. Na antropologia isso funciona de maneira diferente. Vejamos como isto se ajusta ao exemplo anterior. Das mesmas três fontes, haverá três verdades. Da mesma maneira a narrativa jornalística propõe informar a partir de cinco perguntas básicas: Que? Quem? Quando? Onde? Como? Podendo redigir o texto noticioso a partir destas cinco perguntas, sendo que a escolha destas dará o perfil ao texto reforçando a intensidade sobre: o que aconteceu ou quem é o autor ou quando aconteceu ou onde aconteceu e como aconteceu. Talvez uma sexta pergunta aproximaria o jornalismo da antropologia: por que aconteceu?

Parece evidente que a escolha de quaisquer destas perguntas para redigir a notícia dando, como já foi colocado, o perfil ao texto, colocará o leitor numa posição de docilidade ante a possibilidade de análise da informação contida nessa notícia. Podemos parafrasear a Ruth Benedict no *O Crisântemo e a Espada*<sup>6</sup> ([1946 ] 2014) dizendo que na antropologia a teoria é a lente pela qual olhamos o que estamos percebendo como real. Sendo a imersão em campo e a observação participante ferramentas necessárias. Mas, qual campo?

## 2.2. Gestando o TCC

Provavelmente comecei a pensar no Trabalho de Conclusão - TCC, logo após entender que não desistiria e que existiam possibilidades reais de terminar o curso. Mas certamente a ideia central deste TCC se afirmou quando comecei a entender a ideia de campo.

Evidenciou-se para mim que há uma notória permeabilidade acadêmica que permite que os temas circulem entre os alunos. Os textos e os autores exercem fascinação. Também ajudou escutar os professores

---

<sup>6</sup> “A cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”.

contar uma e outra vez suas pesquisas de campo e, começo a perceber que nestes casos a pesquisa é a mesma, porém sempre é comentada (e reiniciada) a partir de perguntas (de pesquisa) diferentes. Lugares como África, as Ilhas Trobriand ou a Amazônia nos provocam e magnetizam. Eu voltei a pensar na frase de Mallory “*Because it’s there*” e a montanha voltou a exercer esse fascínio que me levava outrora a transita-la e a maravilhar-me nela, com ela e, principalmente, por ela. A “conquista do inútil”<sup>7</sup>, como foi chamado o fato de chegar ao cume de uma montanha, fazia eco no contra frase a “inutilidade da conquista”. Tenho que esclarecer que não levarei em consideração se a palavra *conquista* é a que melhor extrai essa ideia, digamos que, por enquanto, ela me é útil como introdução ao assunto. Para poder pensar nisso de uma forma mais organizada e com método decidi que a montanha, ou melhor, a relação estabelecida entre este lugar em particular e os sujeitos, é dizer da construção dele como paisagem humano, os significados e ressignificações que acontecem ou podem acontecer seria meu campo de pesquisa. Para isso propus o Projeto de Pesquisa “O cume invertido: inversões e transgressões no Monte Aconcágua”. Este hífen (entre **in** e **versões**) funciona como nexa que pretende justapor a palavra **inversões** (no sentido de pensar essa hipótese sobre o cume invertido) com a frase **em (in) versões** (no sentido das muitas versões com que se constrói a pesquisa de campo etnográfica).

Desde o momento em que pensei em pesquisar na montanha soube que teria muito trabalho pela frente, mesmo muito antes de pisar nela.

-Mas você vai mesmo ir para a montanha? Lembro que foi uma das primeiras coisas que minha orientadora perguntou.

Depois de vinte anos no Brasil, nada do meu equipamento de alpinismo restava. Haveria que comprar tudo, e é muito caro. Sintetizando demorei dois anos para adquirir o equipamento que achei necessário para uma expedição de três meses. Vou abrir um parêntese para contar algo que achei curioso. Todo o equipamento que comprei, estava correto, servia, porém, no campo, descobri que era obsoleto. Praticamente ninguém mais usava botas duplas de plástico, deixando lugar às que utilizavam um sintético semelhante ao couro principalmente em propriedades isolantes e térmicas. As roupas de *polartec* eram raras de ver em altura (este material havia sido trocado pelas roupas com recheio de fibra sintética *primaloft* e *thermoball*),

---

<sup>7</sup> Esta paráfrase foi retirada do título do livro de Lionel Terray “Los conquistadores do inútil” ([1961] 2015) da editora espanhola Desnivel.

ninguém mais parecia usar o par piolet/grampões, mas grampões/bastões de trekking (penso que numa queda no gelo ficaria difícil frear sem piolet). O capacete de escalada havia se tornado um elemento fundamental (vinte anos atrás capacete só se usava em escaladas verticais e não na via normal). De todas essas curiosidades a última era a que mais me chamou a atenção, pois parece ter relação com as medidas de segurança extras para proteção daquele alpinista sem muita experiência que chamam cliente. Enfim, curiosidades do passar do tempo.

Não era só escrever o projeto, mas dar vida a ele. Começando por solicitar às autoridades do governo da província de Mendoza as autorizações para permanecer como pesquisador no Parque Provincial Aconcágua durante quase três meses, pagar os tickets (como fazem as pessoas que entram ao parque para trekking ou ascensões) era inviável pelo custo. Comecei a solicitar orçamentos nas empresas prestadoras de serviços para saber o custo de comida, mulas, uso de banheiro, etc. Novamente impossível, por este período de tempo o custo era, no orçamento mais barato, o valor de um carro novo. Haveria que tentar construir as pontes com o passado e ver se alguém dos velhos amigos poderia colaborar. A ajuda veio de parte de Victor Herrera o dono da empresa Mallku Expediciones, uma das mais antigas e clássicas empresas que trabalham no Monte Aconcágua, com quem me unia uma amizade de muitos anos, porém sem contatos nos últimos vinte anos. Poderia permanecer no acampamento base da empresa desde que me auto abastecesse, e isso era muito mais do que eu poderia imaginar. Mas quando já estava em Mendoza, tomando umas cervejas num barzinho da rua Las Heras, no centro com o Victor, ele me disse:

-Marce, podes usar tudo no acampamento, faz de conta que é tua casa. Se você quiser pode colaborar com os garotos que trabalham lá, senão tudo bem. Não precisas pagar nada, onde comem dois sempre podemos aumentar um prato de comida- me disse Victor, entre gole e gole. Bom, pensei ainda bem que algumas coisas não mudaram. Mal sabia eu que essa era uma das poucas coisas que não mudaram nesses anos, inclusive essa corria o risco de mudar.

O semestre passou rápido e já estava com o projeto escrito e aprovado. As cartas da coordenação e a orientadora já tinham sido enviadas ao comitê científico da província de Mendoza, só restava aguardar o parecer e a autorização.

### 2.3. Por que uma pesquisa de campo no Aconcágua? Porque está aí.

Subir montanhas com alguma intenção definida, além de um simples trânsito, é uma atividade antiga pelo menos comprovadamente desde o Neolítico como provam os restos humanos achados a 3.210 msnm no maciço de Ötztal, nos Alpes Orientais (muito perto da fronteira do que hoje conhecemos como Áustria e Itália), datados em cinco mil anos, aproximadamente<sup>8</sup>. Atividade relacionada com o pastoreio, a caça, a meditação e até a própria comunicação religiosa<sup>9</sup>, podemos também citar aqui os sítios arqueológicos encontrados nos Andes datados em diversos períodos pré-coloniais: “[...] a conquista territorial incaica, não só foi de índole **política–económica**, mas também, **simbólica–religiosa**. [...] teve um componente ‘vertical’ muito importante, sabe-se de centenas de montanhas que foram ascendidas e, sobre as quais, se construíram recintos cerimoniais.” (Vitry, 1997). Mas este é um dos tantos, o mesmo sucedeu em outras partes da América pré-colombiana onde foram achados objetos e estruturas arqueológicas em quase todas as montanhas mexicanas (Iwaniszewski, 1986; Montero, 1988 e 1992). Ou a descoberta de sítios arqueológicos em vinte e nove montanhas das Rochosas e em três da Serra Nevada nos EUA (Echevarría, 1999).

A partir disto, não pode nos surpreender que o Monte Aconcágua, na América do Sul, também tenha sido uma referência religiosa para o povo *inca* em cujas ladeiras realizavam rituais e sacrifícios humanos.

“Otro simbolismo, interesante aunque altamente hipotético, surge de tener en cuenta la sacralidad con que los pueblos andinos (y las civilizaciones antiguas en general) revestían la realidad cósmico-geográfica en la que se hallaban inmersos; algo que llamamos ‘pensamento hipostático’. Más concretamente, si atribuimos una connotación simbólico-religiosa a los caminos incaicos -manifestada en su tendencia rectilínea (cuando el terreno lo permitía), heredada

---

<sup>8</sup>Disponível em <http://www.eurac.edu/en/research/health/iceman/Pages/newsdetails.aspx?entryid=115028> > Acesso em 26/10/016.

<sup>9</sup> Ortner nos fala sobre o religioso associado à montanha já desde o nome, no caso do Mt. Everest, ou melhor,

*Chomolungma* para sherpas e tibetanos e *Sagarmatha* em nepalês cujos significados podem estar próximos de “Deusa-Mãe do Universo” para o primeiro e “Aquela cuja Cabeça Toca as Nuvens” para a segunda. (ORTNER, 1999, p.26).

tal vez de los geoglifos lineales de Chíncha y Nazca, probables caminos ceremoniales que prefiguraban el sistema de los *zeques* cuzqueños- y recordando el ‘simbolismo del camino’ en zonas montañosas en relación con el arte rupestre de culturas andinas preincaicas, podríamos decir lo siguiente: la asociación entre las sendas que cruzan la cordillera y los principales santuarios de altura (señalada más arriba) tiene también un simbolismo subyacente.” (SCHOBINGER, 1999).

O alpinismo, porém, como já foi colocado, é uma invenção moderna que nasceu na Europa em 1786 com a conquista do Mont Blanc (Creasey, M. Sheperd, N., Banks, N., e outros [1990] 2001). Embora possamos ver paralelos entre uma e outra maneira de perceber a montanha, logo percebemos que há uma grande diferença. A princípio, enquanto na primeira a montanha é o local geológico onde realizamos diversas atividades, na segunda a montanha é o percurso inevitável para chegar ao cume, ou seja, um obstáculo. Na primeira não havia necessidade de arriscar a vida (embora se arriscasse), na segunda o risco torna-se um dos elementos principais (muitas vezes o mais desejado). Sendo o cume o objetivo, o risco é assumido. Então como podemos pensar “risco”? O risco pode ser catalogado com subjetivo? Le Breton em seu livro *Conduitas de risco* propõe:

“Cada condição social ou cultural, cada região, cada comunidade humana assume fragilidades peculiares e nutre uma cartografia particular do que teme. O risco é uma noção socialmente construída, eminentemente variável de um lugar para outro e de uma época para outra”. (LE BRETON, 2009, p. 11).

Mas o que leva a assumir esse risco? Será que ao contrário de Alice, não é entrando num buraco, mas subindo uma montanha, que algumas pessoas encontram a toca do coelho? Também deveria se pensar que a possibilidade de morrer na montanha é inversamente proporcional ao grau de conhecimento e experiência. Então por que uma pessoa sem (ou com pouquíssima) experiência decide colocar a vida em risco para subir uma montanha como o Monte Aconcágua ou mesmo o Monte Everest? Que é que essa pessoa está fazendo quando acha que está só subindo uma montanha? Será que a liquidez da vida, proposta por Zygmunt Bauman no livro *Vida líquida* ([2005] 2009), que traz a necessidade consumista de fazer um *upgrade* no material, não exige

desse sujeito procurar *novas alturas* (também literalmente) para continuar navegando no rio da sociedade?

Em uma perspectiva pessimista inspirada pela “escola de Frankfurt” (só para colocar em perspectiva o que virá na continuação), poderíamos pensar que alguma coisa está se desenhando com esta subida à montanha e essa *explosão* da sua comercialização e, seu (quase) parônimo linguístico, *exploração*, e que isto não responderia necessariamente a algo positivo (positivo no sentido de oposição a pessimismo que seria o negativo). Vejamos o que, no prefácio do livro *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer escrevem:

“O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca, provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentaram com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo.” (ADORNO, T.W, e HORKHEIMER, M. [1944] 1985).

Agora proponho desamarrar alguns nós com que os autores frankfurtianos teceram esta passagem. É claro que não desmanharemos a trama em sua totalidade; primeiro porque não é preciso para este projeto, segundo porque levaria alguns anos e montanhas de papel e terceiro (e fundamental) porque não tenho a bagagem e qualificação teórica para uma empreitada deste calibre. Enfim, feito esse esclarecimento, comecemos. O contexto no qual faremos o movimento está situado entre dois eixos, histórico e econômico, vejamos: **histórico**

(do começo dos anos 90 do século XX até o presente) e **econômico** (a crescente comercialização do alpinismo, enquadrado no triunfo do capitalismo sobre o comunismo após o colapso da URSS e a queda do muro de Berlim, entre outros fatos). Para alguns, a sensação é de que o século XX “acabou em problemas para os quais ninguém tinha, nem dizia ter, soluções” (HOBSBAWM, [1994] 1996, p.537). Adorno e Horkheimer ([1944] 1985) dizem, ou melhor, predizem, que o “aumento da produtividade econômica” produziria dois efeitos: condições para um mundo mais justo e, em contraposição, um maior controle sobre o resto da população; isto por sua vez produziria um “indivíduo que se vê completamente anulado” (poderíamos trocar “anulado” por “não integrado” e não estaríamos nos afastando da ideia sugerida) isso em relação aos poderes econômicos. Uma consequência disso é um nivelamento da balança que favorece a sociedade sobre a natureza (digamos que, nesse diagnóstico, a Natureza deixa de ser escrita com maiúsculas quando se pensa em domínio sobre o mundo), para dar um exemplo, digamos que o Monte Aconcágua deixa de ser uma entidade longínqua, misteriosa e inalcançável “moradia de deidades” para passar a ser uma figura conhecida que aparece cada vez mais em documentários, revistas e jornais e que se oferece em pacotes cada vez mais turísticos e com roteiros semelhantes aos *city-tours*. Numa outra equação se observa que quanto maior é a quantidade de bens direcionados para a população, maior é sua docilidade e menor sua capacidade contestatória e de reação crítica, embora sintam-se desconfortável com o papel estatístico e negue (renegue, na verdade) sua condição de “coisa” (reificação). Para evitar isso precisaria de algo tão grandioso que a tirasse desse *status quo*, algo que seja extremamente importante, tão importante que valha a pena arriscar a própria vida, pelo menos na sua visão. Algo que simbolize todo esse desejo, algo como chegar ao cume de uma montanha famosa como o Monte Aconcágua. E se o cume se tornou um símbolo, o que é símbolo neste contexto? Pierre Bourdieu em *O poder simbólico* (1989) nos diz:

“Os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração ‘lógica’ é a condição da integração ‘moral’”. (BOURDIEU, 1989).

Será que, ao alcançar o cume de uma montanha, onde se corre mais perigo de morte, algumas pessoas encontram seu lugar no mundo, o ponto de integração com a sociedade? E se isto é assim não seria válido pensar que o cume deveria ser só metade do caminho, que essa busca de integração social só pode se efetivar justamente ao retornar à sociedade? Então, por que a maioria dos acidentes mortais parece recorrentemente, acontecer na descida, quando já se subiu até o cume? Por que as pessoas gastam toda sua energia para subir? Por que não pensam em guardar energia para descer se parece tão óbvio? E isto se torna mais evidente quanto mais inexperiente é a pessoa que está escalando, mas também quanto maior é a pressão, inclusive econômica, exercida sobre o experiente profissional (patrocínios ou marketing empresarial associado à expedição, subsídios estaduais, legitimação da condição de profissional perante seus pares, etc.). Percebe-se que “subir até o cume” pareceria atuar como elemento instigador e fim supremo, enquanto que as palavras “descida” e/ou “retorno ao lar”, que fechariam o círculo, não são realmente dimensionadas da mesma forma. O que ao menos sugere que tornaria muitas destas pessoas potenciais suicidas ou pelo menos destemidos negligentes.

#### **2.4. O cume invertido e o cume primário**

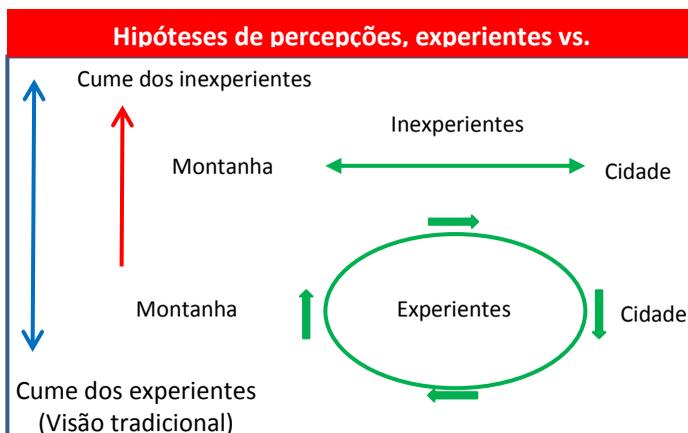
Ao longo deste texto utilizamos as categorias *experientes* e *inexperientes* de forma antagônica na relação “pessoas com mais vivência na montanha daquelas que não tinham esta vivência ou a tinham em menor medida”, porém, esta visão não deve ser entendida como absoluta, muito pelo contrário, podemos pensar nela como uma alternância entre a experiência de um e a experiência do outro. Podemos, ainda, ir mais longe pensando que a inexperiência poderia não existir ou ela existir no trânsito entre uma experiência e outra. Para Coleman (2204) citado por Andrade e Maluf (2017) “diferentes proximidades com a experiência” podem ser nomeadas: “‘expert por experiência’ (l’esperto per esperienza), ou seja, a pessoa que experimenta [...] e ‘expert por profissão’ (l’esperto per professione), o profissional que a acompanha”. Ou seja, o inexperiente em alpinismo é experiente num outro tipo de experiência, sendo que o expert ou experiente profissional deixa de sê-lo na experiência do outro. Esta relação fica mais clara entre cliente e guia. Aparentemente esta diferença nas (e pelas) experiências pode produzir percepções diferentes sobre o mesmo assunto, no caso que pesquisamos: o cume da montanha, do Monte Aconcágua especificamente.

No gráfico 1 se veem dois tipos de vetores, longitudinais e transversais, um unidirecional e os outros bidirecionais. Os dois primeiros vetores longitudinais representam a diferença de percepção do cume, sendo que para os clientes<sup>10</sup> o cume parece ser o fim supremo (**cume primário**) onde o resto da montanha é um mero obstáculo para alcançar seu objetivo. Para os alpinistas experientes (tentaremos definir que consideramos como alpinistas experientes com mais precisão *a posteriori* no quadro Anatomia de um alpinista na página 68), a percepção parece ser diferente, sendo a montanha, em sua totalidade, o centro da sua atenção onde a grande conquista (digamos o cume) se encontra na base da montanha (**cume invertido**) após ter chegado à altitude máxima dessa (ou de qualquer outra) montanha. Este último pareceria não precisar subir ao cume para se integrar socialmente (como parece ser o caso dos primeiros), pois o dia-a-dia na montanha é sua forma de integração. O curioso é que no outro vetor (lado de cá/ lado de lá) que expressa a relação montanha-cidade não parece existir grandes diferenças entre alpinistas experientes e clientes (inexperientes). Ambos planejam voltar à cidade, mas enquanto o alpinista experiente está sempre reiniciando esse caminho (e justamente por isso é que cada vez mais experiente) o inexperiente só pensará em voltar à montanha novamente se houver “fracassado” na sua tentativa de alcançar o topo da mesma.

---

<sup>10</sup> A categoria cliente é definida com um pouco mais de precisão mais adiante no subtítulo O cliente esse escuro objeto de desejo.

Quadro 1 - Síntese gráfica da hipótese pré-pesquisa de campo



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

## 2.5. Futuro do Pretérito do verbo *observar*

O Futuro do Pretérito do Modo Indicativo<sup>11</sup> se refere a um fato (uma nova hipótese) que poderia ter acontecido posteriormente a uma situação passada (o campo). Este modo verbal é utilizado para indicar uma ação que é consequência de outra, encontrando-se condicionada a esta (a etnografia). Expressa também incerteza e surpresa. A observação em campo me levou a repensar a pergunta de pesquisa abrindo a possibilidade para uma nova hipótese para este montanhismo que estamos tentando entender. Esta incerteza me levaria a pensar também que só uma temporada em campo seria insuficiente para ver os matizes desta problemática, talvez fosse necessário retornar. E surpresa porque os alicerces com que achava que o alpinismo estava construído tinham se mexido consideravelmente. Espero que tudo isto esteja refletido nesta etnografia resultante.

Se tivéssemos asas como os condores, observaríamos a cidade de Mendoza desde o alto. E desde aí ela seria vista como um oásis sitiada pelo deserto e as montanhas.

Por incrível que possa parecer, fui fazer minha pesquisa de campo sem saber ao certo se ia conseguir passar da entrada do Parque

<sup>11</sup> Disponível em < <https://ciberdividas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-futuro-do-preterito-e-oconjuntivo/30034> > Acesso em 21/11/2017

Provincial Aconcágua, fato este evidenciado, pela simples razão que as autoridades ainda não tinham me respondido se aceitavam nossa petição para eu permanecer no parque sem ter que pagar. Não recomendo a ninguém sair para uma empreitada nessa situação, é como se jogar a um precipício sem saber se haverá uma rede ou não, 50 e 50 de chance de morrer ou dar certo. Não é uma boa aposta. Mas, enfim, no dia que cheguei recebi um e-mail que minha petição havia sido aceita e que tinha que passar para pegar a documentação. Após este trâmite ter sido resolvido fui concluir o trâmite na companhia de seguro, onde havia adquirido uma cobertura total para casos de acidente ou óbito (a aquisição deste seguro é uma das obrigações das pessoas que vão para o Aconcágua).

Caminhando pelo bulevar da velha “alameda” contornado pelas ruas limpas e arborizadas da cidade, me detenho nos sebos ao ar livre, compro dois livros de antropologia (*Male and Female* de Margareth Mead e *Man, Culture and Society* de Harry Shapiro), o *Cours de linguistique générale* de Saussure e o *Leviatan* de Hobbes. Contente, procuro um Café para me sentar a olhar esses livros, deixando deslizar a cidade frente aos meus olhos e o tempo transitar suavemente. Nada tenho a fazer além de curtir a cidade até o outro dia. Amanhã virá a correria de levar todo o equipamento sozinho (duas mochilas de 80 litros e um contêiner plástico de 60 litros, além da minha mochila de mão e a bolsa com a comida para 30 dias) para o terminal de ônibus e, então, partir para Puente de Inca, vila localizada há quase 200 quilômetros da capital da província de Mendoza e porta de entrada do Parque Provincial Aconcágua. Mas só amanhã, agora vou tomar meu cafezinho.

Estou em Puente de Inca, muitas lembranças surgem aos borbotões. Amanhã vou começar a caminhar, mas hoje preciso descansar. A aclimatação é tudo e já estou em altura (Puente de Inca está a 2.700 msnm). Conversando com os guarda-parques descubro que nisto também tudo mudou, agora existe uma escola de guarda-parques do governo e que o perfil é mais ambientalista e não de recrutar alpinistas para ser guarda-parques, como era na época que trabalhei. Um deles me comentou que os guarda-parques agora trabalhavam sempre nos mesmos postos, e me deu como exemplo sua própria experiência que estava há seis anos em Ponte de Inca. Confesso que pensei que eu não aguentaria todo esse tempo sem subir, aliás, acho que não aguentaria nem uma temporada sem subir. Vamos ver como tudo isto funciona na prática e como será o perfil dos guarda-parques que trabalham em altura. Pelo que entendi tem até uma base em Nido de Condores (5.550 msnm) para o patrulhamento de altura. Este local, situado após um câmbio no declive

da montanha, é um sitio estratégico, pois a maioria das expedições pernoita e permanece neste acampamento por pelo menos um dia. Sendo assim, há uma grande circulação de alpinistas, entre os que sobem para levar *portes* (cargas), os que descem do cume e os que se preparam para subir até o Campo Berlim ou Campo Cólera. Para os guarda-parques seria interessante permanecer em plantões em rodizio de pessoal ou pelo menos rondas até esse local, pois desde aí podem controlar melhor como as expedições fazem uso do meio ambiente, principalmente quando se refere aos detritos humanos.

De tarde consegui falar com o O. Este, um velho amigo, agora é o encarregado de lidar com as mulas e coordenar o trabalho dos *arrieros*. Ele é o que anos antes chamávamos de *plazamulero*, aqueles que viviam e trabalhavam durante os meses da temporada em Plaza de Mulas. *Plazamulero* ou *plazamulera* foi um neologismo muito utilizado nas décadas dos anos oitenta e noventa, derivado, obviamente, de Plaza de Mulas, porém era muito mais que isso para aqueles que o utilizavam, era uma forma de reconhecer e reconhecer-se dentro de uma rede de relações ou uma teia de relações na que estão inseridos, em palavras de Ortner (2007):

“[...] os indivíduos/pessoas/sujeitos sempre estão inseridos em teias de relações, e afeto ou de solidariedade, de poder ou de rivalidade, ou, muitas vezes, em alguma mescla dos dois. Seja qual for a ‘agência’ que pareçam ‘ter’ como indivíduos, na verdade se trata de algo que é sempre negociado interativamente”. (ORTNER, 2007, p.74)

Mas hoje em dia em Plaza de Mulas ninguém mais se reconhece como *plazamulero* (a), a divisão de tarefas e a especialização das funções e profissões levou à extinção deste termo.

Foi uma alegria muito grande ver que O. não tinha mudado em nada sua forma de ser. Combinamos a saída para a manhã do próximo dia. Deixei com ele meu equipamento (que iria carregado nas mulas) e fui dormir. Amanhã o dia não seria longo, mas do jeito que eu estava sem treinar nem sequer um dia (outra coisa que não recomendo a ninguém) com certeza seria fatigoso. No hostel onde passei a noite conheci um rapaz chamado A. e que iria ter sua primeira experiência em montanha, combinamos de irmos juntos, pois ele ia também para Confluência e pretendia fazer o trekking curto (três dias) até Plaza Francia.

Bem chegou o dia, o O. nos trouxe de caminhonete até a entrada do parque, aqui tenho que apresentar a documentação que me permitirá

permanecer dois meses no parque. Sou muito bem recepcionado, principalmente após falar aos guarda-parques que estava realizando um trabalho de investigação científica. Muito deles também são estudantes universitários e de alguma forma acho que se identificaram, ou, pelo menos, entenderam porque estou aqui. Mas uma coisa me incomoda, na documentação que o governo me forneceu apareço como se já fosse formado e não um simples estudante, isso pode me trazer alguma complicação, ou pelo menos terei que dar explicações que numa outra situação nem precisaria existir. Enfim veremos... O melhor deste trâmite foi quando falei para as meninas que me atendiam que eu também tinha sido guarda-parques, no princípio não levaram muito a sério, acho que me acharam um pouco velho e fora do perfil (e fora de forma, diga-se de passagem), mas quando mostrei para elas minha credencial (que sempre guardei com orgulho) foi o maior alvoroço e tiraram fotos da carteirinha e não podiam crer que um guarda-parque daquela época estava aí (aí vivo, acredito que devem ter pensado) na frente delas. Fizeram-me várias perguntas e percebi que tudo era muito diferente de quando eu trabalhava nessa função. Penso, mas não exteriorizo este pensamento: como fazem para dar dicas sobre os acampamentos de altura, que com certeza os visitantes devem perguntar, sem nunca haver estado nesses locais? Esta situação (quase) engraçada da carteirinha me ajudou a começar a pensar que talvez o montanhismo houvesse mudado mais do que eu imaginava e, com ele, as relações das pessoas com a montanha e interpessoais. A pergunta poderia ser: até que ponto de profundidade essa mudança havia chegado e quais alicerces do montanhismo haviam sido afetados?

## 2.6. Contexto territorial I – Acampamento Confluência

A Província de Mendoza se encontra situada geograficamente no centro oeste da República Argentina, flanqueada pela Cordilheira dos Andes onde está situado o Monte Aconcágua (6962msnm) pertencente ao Parque Provincial de mesmo nome (Videla, M. A. Suárez, J. 1991), sendo sua Latitude:  $-32.537885^\circ$  e Longitude:  $-69.097023^{o12}$ . Este parque provincial está localizado a noroeste da província e faz parte do município de Las Heras, sua porta de entrada situa-se a 165 km da

<sup>12</sup>Disponível

em<

<http://www.findlatitudeandlongitude.com/?loc=Mt.+Aconcagua#.WAJff18rLIU>>

Acesso em 15/10/2016.

capital provincial e a 75 km da Vila Uspallata (situada no vale do mesmo nome que separa a Pre-cordilheira da Cordilheira dos Andes) pela Rodovia Nacional n°7 que une Argentina ao Chile. (Ver mapas das Figuras 1, 3, 4 e 5)

Figura 3 – Republica Argentina

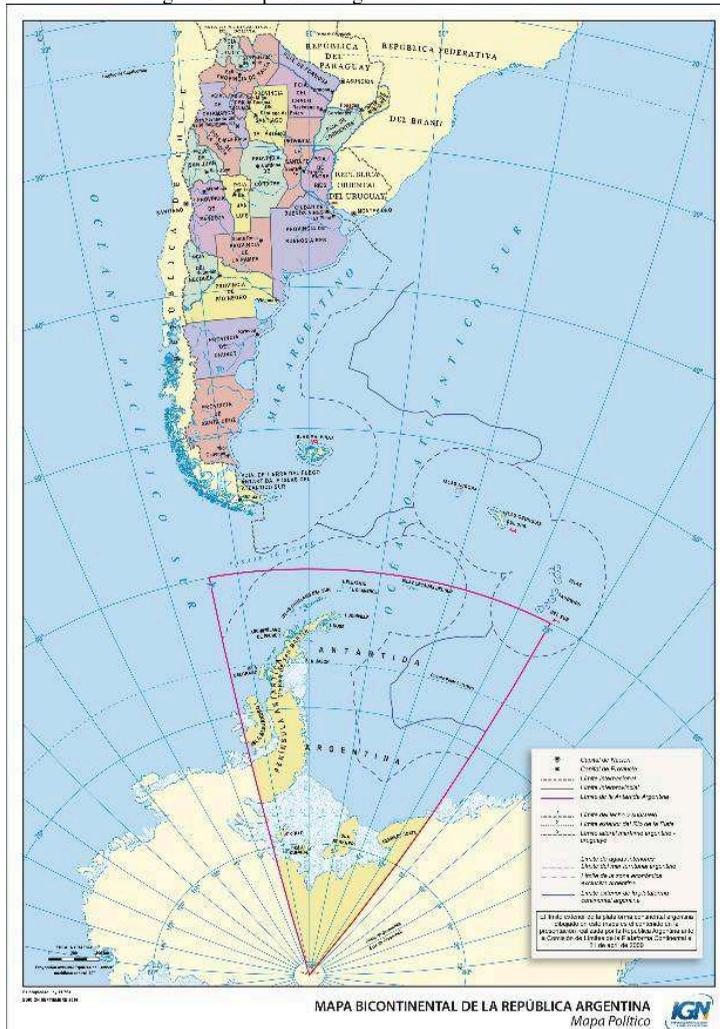
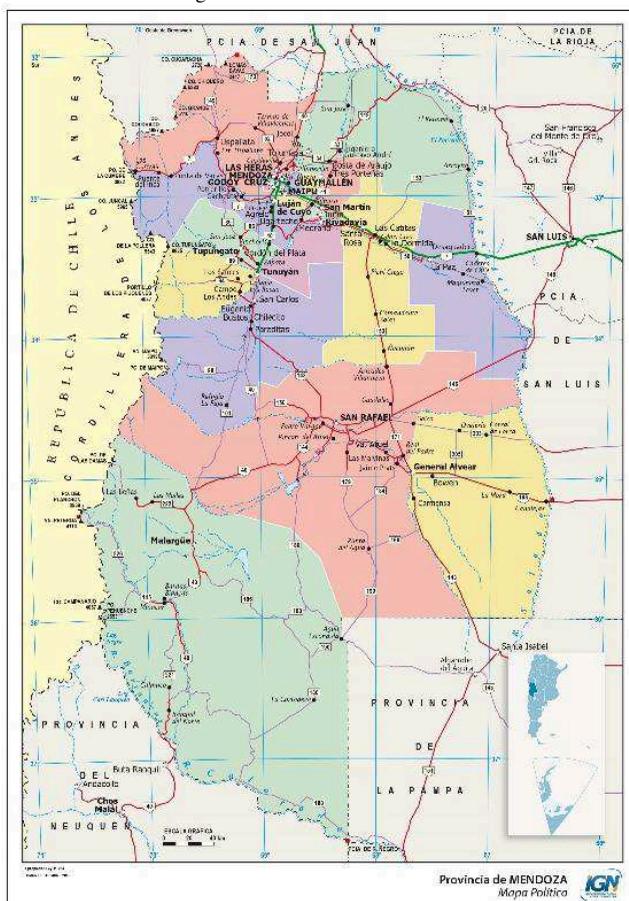


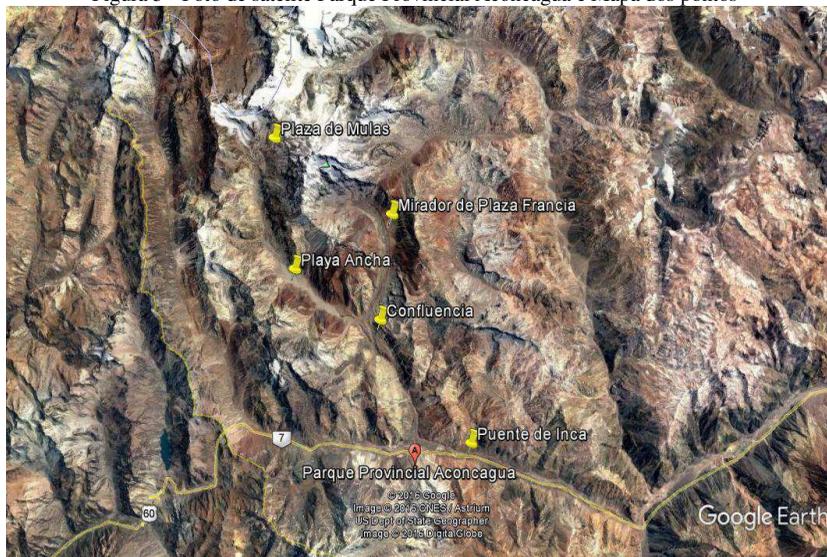
Figura 4 – Província de Mendoza



Fonte: Instituto Geográfico Argentino <sup>13</sup>

<sup>13</sup> Disponível em < <http://www.ign.gov.ar> > Acesso em 25/02/2018

Figura 5 - Foto de satélite Parque Provincial Aconcagua e Mapa dos pontos



Fonte: Reprodução da imagem de satélite do Google Earth

Entre os requisitos para obter a autorização para a pesquisa foi apresentado, entre outras documentações, um projeto de pesquisa que incluía, entre outros itens, Comunicação e Orientação, Prevenção e Segurança<sup>14</sup> e Roteiro do Percurso de Ascensão. Destes três itens nomeados o mais importante e imprescindível para obter a autorização é Prevenção e Segurança, dito de outra forma, como você se organiza para não se transformar num peso para as autoridades do Parque Provincial Aconcagua. Este projeto foi elaborado para a *Dirección de Recursos Naturales Renovables*, do governo provincial, órgão que coordena e

<sup>14</sup> “Esta expedición tiene objetivos estrictamente científicos, consecuentemente no realizará nada fuera de lo planeado. Las medidas de prevención para la seguridad son las normales en expediciones y permanencia en la alta montaña: Control sistemático de MAM, Control periódico da meteorología, Equipo adecuado para esta actividad, Conocimiento del terreno, ruta marcada (*point*) en GPS, Comunicación personal y en VHF con Guardaparques, Gerenciamiento de riesgos. Las medidas de seguridad tomadas específicamente cuando se realice la colecta de datos etnográficos más allá del campamento base acompañando a las expediciones comerciales (Ruta Normal y Ruta 360°) serán principalmente subordinarse al comando del Guía Jefe”. (BALVOA, L.M.; *Prevención y Seguridad* In La cumbre invertida, in-versiones y transgresiones: aspectos del andinismo contemporaneo en el Cerro Aconcagua –Proyecto de Investigación, 2016, p.9)

gerencia as atividades do parque, e estipulava a realização da pesquisa nos dois acampamentos base, Plaza de Mulas e de Plaza Argentina. Porém, devido à diminuição do tempo de trabalho de campo decidiu-se realizar esta pesquisa somente em Plaza de Mulas e Confluência, principalmente no primeiro.

O acampamento de Confluência (Figura 6) está localizado de forma estratégica para o controle de pessoas e animais. Isto é evidente se o comparamos com o antigo acampamento, conhecido na época como Confluência Inferior, situado após cruzar o Rio Horcones ( ver mapa figura 1). Neste ponto o caminhante devia se desviar à esquerda contornando a morena<sup>15</sup>, desviando-se e afastando-se da trilha principal para Playa Ancha. Também neste ponto, porém antes de atravessar o rio, seguindo pela direita se encontra a trilha que leva a Plaza Francia. Este acampamento, hoje inexistente, tinha duas saídas, uma retornando até a região da ponte e subindo pela trilha principal (à direita da ponte), e a outra saída subindo pela encosta do Monte México (5.083 msnm) atrás do local utilizado para acampar. Esta trilha levava direto para o início da Playa Ancha. A posição deste último, apesar da confortável e prática localização (inclusive a facilidade de obter água do riacho que se une um pouco mais abaixo ao Rio Horcones), não tem o valor estratégico do atual acampamento Confluência. Este pesquisador não visitou Confluência Inferior, mas além de estratégico, outro dos motivos alegados pelos Guarda-parques para não utilizar este acampamento é a degradação ambiental sofrida nesta região ao longo dos anos pelas expedições que ocuparam este espaço.

Sua localização, como já comentado, é estratégica e provavelmente projetada dessa maneira para a recepção do visitante (check-in sanitário, médico e administrativo), mas principalmente para vigiar e controlar os mesmos. Encontramos nisto semelhanças no proposto por Foucault (2014) quando, em relação à distribuição espacial, escreve que há que priorizar as “comunicações úteis” das que não o são, para deste modo “a cada instante vigiar” para poder “apreciá-lo” ou “sancioná-lo” (ao indivíduo). Seguindo o “princípio da

---

<sup>15</sup> Tradução do autor “Uma morrena terminal é um montículo de till que se forma ao final de uma Glaciar. Estas formas relativamente comuns se depositam quando se alcança o estado de equilíbrio entre a ablação e a acumulação de gelo. Quer dizer, a morrena terminal se forma quando o gelo está se fundindo e evaporando perto do extremo da Glaciar a uma velocidade igual ao do avanço da Glaciar desde sua área de alimentação”. Disponível em <[http://www.rutageologica.cl/index.php?option=com\\_content&view=article&id=397&Itemid=99&limitstart=15](http://www.rutageologica.cl/index.php?option=com_content&view=article&id=397&Itemid=99&limitstart=15)> Acesso em 29 de out 2017.

localização imediata e do *quadriculamento*” proposto por Foucault onde há um lugar para cada indivíduo e cada indivíduo tem seu lugar para permanecer, as autoridades delimitam um espaço para o pernoite e permanência dos visitantes e dos campamenteros, não podendo acampar nem permanecer em nenhum outro lugar senão aquele que lhe é imposto pela normativa do Parque Provincial Aconcagua. Nisto não há a procura pelo melhor lugar (por exemplo, menos vento, mais sombra ou mais facilidade de conseguir água como seria o caso citado anteriormente de Confluencia Inferior), mas o local onde seja mais fácil o controle dos sujeitos. Esta normativa atinge também aos não humanos (mulas, cavalos e cachorros) que são usados ou acompanham as expedições. Aparentemente esta normativa não consegue atingir totalmente aos animais selvagens (guanacos, pumas, zorros e pássaros), porém eles já não são vistos nesta área e a evitam. Assim, esta distribuição do espaço no acampamento Confluencia pode ser compreendida nos termos de Foucault ([1975] 2014):

“[...] o espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há para repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de aglomerações. ” (FOUCAULT, [1975] 2014).

Os acampamentos dos prestadores de serviços estão organizados paralelamente à morena e com os sanitários localizados no perímetro circundante, de 15 a 50 metros dos acampamentos das empresas. Observou-se que a disposição dos campos parece reproduzir os elementos urbanísticos das cidades com colonização espanhola<sup>16</sup>,

---

<sup>16</sup> Las ciudades fundadas por los españoles en América, posiblemente desde mediados de la década 1520-1530 y con seguridad después de 1531, se ajustaron a un modelo común bien conocido: una cuadrícula formada por elementos iguales - ocasionalmente rectangulares-, uno de los cuales no era construido y servía de plaza, alrededor del cual se agrupaban la catedral o la iglesia mayor, el ayuntamiento y la gobernación o el palacio virreinal, según la importancia de la ciudad; plazoletas menores eran dejadas frente a las iglesias y servían como atrios abiertos; la plaza debía estar rodeada por portales así como las calles principales que eran las que partían de los cuatro ángulos de la plaza. Las ordenanzas de 1573 y las Leyes de Indias, editadas por primera vez en 1681, abundaban en otras disposiciones: ancho y orientación de las calles de acuerdo al clima, ubicación de la

formando quarteirões com uma praça ou espaço central, localizando as autoridades (médica e coercitiva) numa das laterais, que visto desde a morena, localiza-se na parte superior do acampamento (Figuras 3 e 4).

Figura 6 - Acampamento Confluência (desde a morena, vista geral)



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 7 - Acampamento Confluência (barracas de uma das empresas)



Foto: Marcelo Balvoa

---

plaza según la localización marítima o interior de la ciudad, reservas de terrenos comunales y otras. (HARDY, J.E. [1975]1983)

Já estou instalado em Confluência, estou hospedado no acampamento do irmão do Victor, ambos mantem uma parceria para atender os clientes, parceria muito lógica para não ter duas estruturas de acampamentos, sem necessidade. Que lhes posso dizer de Confluência...? Na época que andava por estas montanhas simplesmente não havia nada aqui, cada um vinha e se virava para realizar um pernoite ou dois com o que carregava na mochila ou combinar com os *arrieros* para lhe trazer equipamentos mais pesados. Hoje a maioria das empresas prestadoras de serviços tem uma base aqui. Antes era só um local para parar um dia e aclimatar indo a Plaza Francia, para depois seguir para Plaza de Mulas. Mas claro que Confluência não é só os acampamentos dos prestadores de serviços, pois também funciona aqui o primeiro controle médico e o posto de check-in dos guarda-parques. De manhã saímos com Alejandro para Plaza Francia (Figura 5).

Uns dos princípios da aclimação (empírico, embora seguidos pela maioria das pessoas) é aquele que propõe “dormir abaixo da altitude máxima alcançada” (Dietz, 2006), por isso uma vez em Confluência se caminha até o local onde realizam acampamento as expedições que pretendem escalar a Face Sul do Aconcágua (Figura 6), a mais temida e, com certeza a face que conta com as vias mais técnicas. Este local leva esse nome em homenagem à primeira expedição que conseguiu escalá-la, que era justamente uma expedição francesa. Já tinha escutado falar que agora em verdade não se vai mais até Plaza Francia, mas até um local que denominam El Mirador desde onde se pode contemplar a face sul. É bom não confundir este mirante natural com a montanha de nome Mirador que fica ao lado esquerdo do Aconcágua e que tem 5.500 msnm de altura.

Figura 8 - Trilha para Plaza Francia



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 9 - Face Sul do Aconcágua desde o belvedere El Mirador



Foto: Marcelo Balvoa

Conversando com meu eventual acompanhante ele me disse:

– Impressionante, como podem vender isto como um trekking fácil.

Estávamos caminhando, subindo e parando cinco minutos a cada meia hora para não forçar a marcha. Meu pé começou a dar sinais de uma bolha em gestação. Fiquei muito preocupado e surpreso, pois

usava as botas que já estou acostumado. Este detalhe, que pode parecer óbvio e tolo, já fez fracassar muitas expedições. Bolhas no pé quando abrem não cicatrizam muito facilmente em altura, aliás, nada cicatriza rapidamente e, muito menos, facilmente em altura. Meu companheiro tem pouca experiência em montanhismo, sendo esta sua primeira vez em altura. Tenho que manter o ritmo e pedir para que ele desacelere a marcha, um desgaste desnecessário na subida significa muito sofrimento na descida. A frase “sem pressa, mas sem pausa” é a que melhor representa a forma como devemos nos movimentar na montanha. A caminhada nos leva por uma trilha que contorna a Glaciar Horcones Inferior. Vemos a grande crosta que cobre a massa de gelo e passamos, ora por cima dele, ora pela lateral direita (sentido Confluência-Plaza Francia) encostando, às vezes, no Monte Almacenes (5.271 msnm), cujo nome provém das estratigrafias de diferentes cores que em linhas paralelas transversais parecem enfeitar essa montanha. Confirmei que de fato agora ninguém chega a Plaza Francia, mas a esse mirante chamado El Mirador, facilmente localizável uma vez que se está próximo por ter uma placa indicadora da sua localização. Ao chegarmos nos preparamos para almoçar, mas meu companheiro tinha esquecido o isqueiro, desta forma tivemos que comer os lanches que eu tinha levado no lugar da comida liofilizada que ele esperava consumir. Após comer e descansar, retornamos felizes com os olhos cheios de Face Sul. No final demoramos três horas para ir e voltar do El Mirador. Aqui comecei a pensar se não seria melhor ficar um dia a mais em Confluência, porque além de acrescentar um dia a minha aclimação também poderia aproveitar melhor para começar com as entrevistas. Havia conversado com o médico encarregado do posto de controle médico, Dr. B. para me deixar participar da anamnese (com sua autorização de poder fazer perguntas). Aqui devo fazer mais um parêntese para contar sobre este médico. O doutor, mais conhecido como “Berna”, é um jovem médico que também é escalador e estava fazendo sua primeira temporada como médico do Aconcágua. O “Berna” se formou em medicina e está se especializando em medicina de altura. Conversando com ele naquela noite, percebi que estava em frente de uma pessoa com o perfil do alpinista à moda antiga, que fazia de tudo para estar nas montanhas. Até alguns dias antes o “Berna” não era contratado como médico, mas como cozinheiro de uma das empresas prestadoras de serviço. Grande conversador, afável, sonhador, porém com um grande raciocínio lógico e que ficou evidente para mim algum tempo depois quando conversamos

sobre o caso do médico cubano com congelamentos graves em mãos e nariz e que aparentemente havia se negado a ser evacuado<sup>17</sup>. O “Berna” era um ótimo interlocutor para começar a entender o que tinha se passado nestes últimos vinte anos no alpinismo.

No final da tarde estive no consultório acompanhando o atendimento do doutor. Este atendimento sempre acontece após as 17 horas, exceto emergências. Começou a me chamar a atenção como era recorrente que as pessoas confirmavam que estavam usando remédios para prevenir o Mal Agudo de Montanha – MAM, também conhecido como *puna* e que pode evoluir para um edema de pulmão ou cérebro. Quando questionados por mim sobre a escolha do Aconcágua para escalar, a grande maioria se mostrava surpresa por perceber a pergunta como óbvia demais. Sobre a experiência, essas mesmas pessoas confessavam que não tinham muita experiência e que por isso contratavam empresas com todos os serviços. Os guias, por sua vez, se colocavam na defensiva quando questionados sobre o uso de medicamentos. O próprio doutor me explicou que o uso de medicamentos se tornou comum entre montanhistas. Foi muito interessante perceber como a pesquisa se iniciava desconstruindo velhos preceitos e mergulhando em novas dúvidas e provocando novos questionamentos aos já pressupostos. Fiquei mais um dia, mas isso significou carregar mais peso que o calculado, já que as mulas passaram no outro dia e não mandei a barraca, nem o saco de dormir.

A água (outro dos grandes temas quando pensamos em prevenção dos MAM) de Confluência é rica em magnésio e o resultado disto são visitas (muito) periódicas ao banheiro. Isto, que pode parecer simplesmente engraçado, traz uma consequência muito perigosa: a desidratação. A desidratação é o caminho certo para uma péssima aclimação aumentando exponencialmente as chances de MAM. De minha parte estou aumentando a quantidade de suco que estou ingerindo. Amanhã pretendo ir a um sítio arqueológico que está situado perto do acampamento quase na descida da trilha que vai a Plaza Francia, conhecido como os *pircados incas*.

Solicitei autorização aos guarda-parques, pois é uma área vedada ao público. Como entrei no parque como pesquisador de antropologia, e aqui a antropologia está intimamente relacionada com a arqueologia, não foi difícil ser autorizado. Nesta hora agradei estar participando em escavações de sítios pré-coloniais no município de Alfredo Wagner, Santa Catarina como colaborador do Laboratório de Estudos

---

<sup>17</sup> Sobre isto farei um breve estudo de caso em capítulo posterior.

Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA) da Universidade Federal de Santa Catarina. O *pircado inca* (figuras 3 e 4) é um sítio arqueológico que está sendo estudado por arqueólogos e antropólogos argentinos, e pelo que me informaram os guarda-parques, recentemente foi aberta uma quadrícula para levantamento do registro arqueológico nas camadas estratigráficas expostas, porém, não me confirmaram se foram achados artefatos. O estudo, pelo que soube, não está concluído, porém como é de práxis a quadrícula foi fechada. Também me contaram que foram encontradas pontas de flechas (aparentemente em sílex) logo acima do acampamento de Confluência num local na encosta da montanha, mas não vi nem lascas, nem sílex em bruto. Acredito que os arqueólogos e antropólogos locais devem ter realizado a prospecção deste potencial sítio. Como não é o objeto da minha pesquisa só bati umas fotos para mostrar ao pessoal do LEIA/UFSC e à arqueóloga do museu MARque/UFSC e me retirei tentando não chamar a atenção para este local.

Figura 10 - Sítio *Pircado inca* (vista geral)



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 11 - Sítio *Pircado inca* (vista parcial)



Foto: Marcelo Balvoa

O atendimento médico começa de tarde quando a maioria das expedições volta do trekking a Plaza Francia. E lá estava eu, com minha caderneta. O resultado não foi diferente do dia anterior. Talvez a estratégia de centrar as entrevistas no atendimento médico não seja a melhor opção, vou pensar no assunto...

De noite houve uma confraternização no acampamento, eu colaborei fazendo uns pães recheados e foi aberta uma garrafa de vinho. Foi uma noite de muitas risadas, embora algumas das minhas perguntas do primeiro dia começassem a ter respostas. Nem todos os guarda-parques estavam satisfeitos em estar sempre no mesmo local, inclusive parece que estar num mesmo local, principalmente acampamentos de passo como é o caso de Confluência, serve também como “castigo”

(infligido pelos chefes) aos guarda-parques. Para Foucault (1975) a **sanção** reprime comportamentos que escapam aos grandes sistemas de castigo, isto se aplica a esta situação sendo que a forma de “castigo” seria a demissão.

“Na oficina, na escola, no exército [a sanção]<sup>18</sup> funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira. Desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), o corpo (atitudes ‘incorretas’, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta. E de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. ”  
(FOUCAULT, [1975] 2014).

Sendo a função de guarda-parque uma especificidade técnica, de difícil substituição em curto prazo, demitir poderia trazer mais problemas ainda, sendo a solução uma sanção disciplinar camuflada de imobilidade funcional e de trânsito por outros acampamentos. No ano de 1992, uma das primeiras gerações de guarda-parques organizou uma greve por melhores salários e condições de trabalho no Aconcágua com resultados positivos para suas reivindicações imediatas, porém, após finalizar a temporada de expedições (que naquela época ocorria de novembro a março) quase todos foram demitidos<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Acrescentado pelo autor.

<sup>19</sup> Nesses anos os guarda-parques não tinham praticamente nenhuma comodidade, muito menos confortos. Por exemplo, os guarda-parques que tinham que cumprir funções em Plaza Argentina permanecia mais de vinte dias numa barraquinha encostada numa rocha sem praticamente nenhum equipamento e sozinho sem ninguém para ajudar ou mesmo conversar uma vez que as expedições eram muito esporádicas ao Glaciar dos Polacos e sendo a Via 360° (antiga Travessia), praticamente desconhecida, não era vendida para ascensão.

Também escutei comentários dos *campamenteros*, a quem os chefes não deixam descer, nem trocar de acampamento. Penso nisto como algo desconcertante, pois me parece obvio que o desgaste que leva estar todo o tempo num local assim, somado ao pouco movimento que alguns acampamentos têm, poderia levar, segundo minha experiência nesse assunto, a uma baixa de rendimento no trabalho ou mesmo até descaso e muito mais provavelmente à desistência de funcionários que com outras atitudes dos patrões poderiam continuar trabalhando, acrescentando positivamente para a empresa. Da forma como é feito na atualidade que acabamos de relatar todos se prejudicam, trabalhador e empresa. Provavelmente um descenso para descansar a cada quinze dias, ajudaria a contornar esta situação com benefícios para ambas às partes.

## **2.7. Um longo caminho a casa**

Após me despedir do Alejandro saí por volta das sete horas da manhã para Plaza de Mulas. Estou levando uma mochila com um pouco mais de 20kg de peso, e minha barraca fica para ser levada outro dia pelos *arrieros*, o doutor “Berna” ofereceu-me a sua que já está montada em Plaza de Mulas pois ele, por enquanto, tem que permanecer algum tempo mais em Confluência. A distância que separa Confluência de Plaza de Mulas é de 21 quilômetros aproximadamente (Figura xx) nestes longos quilômetros tive tempo de sobra para me arrepender de ter ficado mais um dia e não ter mandado praticamente tudo nas mulas, agora a mula sou eu.

A Playa Ancha (ver mapa da Figura 1) é um local de monótona beleza, quilômetros e quilômetros transitando num leito de pedras onde descansava o glaciário milênios atrás. (Figuras 12 e 13) A Quebrada de Horcones é um vale produzido pelo movimento de avanço e retrocesso da Glaciário Horcones Superior.

Figura 12 - Playa Ancha



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 13 - A pirâmide do Aconcágua



Foto: Marcelo Balvoa

Após duas horas caminhando percebi que, além de estar fora de forma<sup>20</sup> em relação ao prepara físico que eu tinha a última vez que transitei este mesmo lugar (pecado que se paga muito caro nestas regiões de montanha) meu pé estava sofrendo por uma bolha que já ia a caminho de estourar e deixar a carne viva no roçar constante com a bota. Além disso, parecia que minha memória me enganava: como podia ser tão longe assim se eu fazia isso com muita velocidade em outras épocas? (Vinte anos antes). Inclusive uma vez a percorri duas vezes em menos de 48 horas em pleno inverno. Para ser muito sincero, no local conhecido como Quebrada del Sargento Mass, eu estava exausto e ainda nem estava na metade do caminho. Fiz mais uma parada num local conhecido como a Pedra Ibañez onde almocei. Na minha memória agora vinha a parte mais fácil, *crasso* erro, não só não era mais fácil, mas muito mais empinada ainda pois aí o caminho deixa de ser parte da Playa Ancha e começa a ascender por trilhas encaracoladas que se perdem da vista e reaparecem, uma e outra vez. No final e com vontade de dormir e seguir no outro dia cheguei aos restos de uma construção em ruínas, se tratava do refúgio Colômbia (4070msnm) que foi atingido por uma avalanche e que está situada à esquerda da trilha. Tinha toda a intenção de parar aí e dormir.

---

<sup>20</sup> Só como referência, na época que trabalhava na montanha eu corria todos os dias 20km, subia montanhas e de tarde treinava escalada no muro de escalada do Estádio de Futebol Malvinas Argentinas após ter dado de duas a cinco voltas subindo e descendo as escadas das arquibancadas desse estádio onde se jogou parte da Copa do Mundo de futebol do ano 1978.

- Que se dane! - Pensei- vou inventar alguma coisa e avisar pelo rádio que ficarei a dormir para descansar, pois agora vinha a pior parte do caminho: a Cuesta Brava.

Nesta parte do caminho a trilha deixa de ter subidas e descidas que devido à distância, entre as subidas e descidas, termina por dissimular sua dificuldade e parece que não cansa tanto. Mas a Cuesta Brava é diferente, se impõe como uma barreira, como as muralhas de uma fortaleza que resiste a ser conquistada, poderíamos dizer que é como subir um morro dentro de outro morro. (Figura 14)

Figura 14 - A Cuesta Brava



Foto: Marcelo Balvoa

Após descansar e ser perguntado por duas vezes por outros alpinistas que passavam se estava bem (nem quero imaginar a cara que eu deveria ter a estas alturas, literalmente, da caminhada). Comecei a subir e fiz mais ou menos uma parada a cada 30 metros, o que é digno de aparecer no Livro dos Records como um recorde negativo, claro. No final da tarde via, após 20 anos, Plaza de Mulass (PM), não aquela em que eu passei tantos momentos inesquecíveis, mas aquela outra que ajudei a construir. Foi muito impressionante ver como havia modificado e crescido, não reconheci nada. Parei na barraca dos Guarda-parques (parei é uma metáfora para “desmoronei vergonhosamente na porta da barraca”), e depois de meia hora consegui falar e pedi para assinar minha entrada. Aos poucos coloquei minhas coisas na barraca do doutor “Berna”, agradei silenciosamente que, muito inteligentemente, me

sugeriu deixar minha barraca em Confluência para não carregar mais peso extra na minha caminhada.

Vejam as fotos do antes, ano 1996 (Figuras 15 e 16) e depois de Plaza de Mulas a quem eu chamo (com muito orgulho) de Plaza de Mulas Nueva (Figura 17) ao que todos me olham como quem vê um dinossauro falando. Alguém me disse: Plaza de Mulas Nova? Mas... que tem de nova, se está aí faz mais de 20 anos? Enfim deixemos cair uma benevolente cortina teatral.

Figura 15 - Primeiras plataformas de PM



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 16 - Escavando e nivelando o terreno



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 17 - Plaza de Mulas versão atual 2017-2018



Foto: Marcelo Balvoa

Nessa mesma tarde, após me recompor um pouco fui ao acampamento da Mallku Expedições que seria minha base nestes meses e cujos membros me esperavam desde ontem. Fui recebido pelo M. que já estava acionando o resgate, pois estava muito preocupado porque eu não chegava. Tomei suco, comi bolachinhas e fui descansar. O dia fora muito longo, minha martirizante bolha havia, finalmente, estourado e estava todo o local do pé sem pele e doendo muito. Melhor descansar, o trabalho está só começando.

## **2.8. Aos pés da grande montanha: o “Sentinela de Pedra”<sup>21</sup> e eu.** (Estratégias de pesquisa)

Plaza de Mulas é um lugar muito especial, quase de fantasia, aqui não parece haver pessoas doentes (quando alguém adoece é evacuada), não há pessoas idosas (ou muito poucas), também não há crianças (raramente alguma sobe, mas sempre na tentativa de quebrar algum recorde). Uma pequena vila, cosmopolita e sazonal. A média de idade das pessoas que trabalham aqui não passa, geralmente, de 30 anos. Há sempre algum motivo para se juntar para uma confraternização. Plaza de Mulas "parece muito com uma bolha", como um entrevistado a definiu. Uma bolha cujo conteúdo não está totalmente isolado cuja permeabilidade se evidencia nas relações entre os sujeitos e dos sujeitos com a montanha e desta montanha (famosa por ser a mais alta das Américas) e as outras montanhas. E este, como tal, é modificado pelas ações desses agentes externos e internos. Tentarei enxergar Plaza de Mulas como se fosse vista através dos olhos de uma mosca: em *slow motion*<sup>22</sup>.

O projeto de pesquisa apresentado à Direção de Recursos Naturais Renováveis do Governo da Província de Mendoza na Argentina e aprovado mediante as Resoluções nº1588 de 3 de dezembro de 2016 e a Resolução nº1610 (renovação) de 7 de dezembro de 2017 estipulava a realização do trabalho de campo em dois dos acampamentos base do parque, em Plaza de Mulas e em Plaza Argentina. Ao primeiro, e mais conhecido acampamento base para a Via Normal, entra-se pelo Vale do Rio Horcones e o outro, acampamento base para quem tentará a

---

<sup>21</sup> *Sentinela de Pedra* é a tradução mais aceita para a palavra da língua quéchua Ackonk-Cauak (Aconcágua), porém, existem outras. Disponível em <<http://etimologias.dechile.net/?Aconcagua>> Acesso em 23/11/2017

<sup>22</sup> Disponível em <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0003347213003060>> Acesso em 25/02/2018

Via 360° e a Via do Glaciar dos Polacos pelo Vale do Rio Vacas. Porém devido à dificuldade da logística que supõe trabalhar nestes dois acampamentos em períodos de transição tão curtos se decidiu realizar a pesquisa somente em Plaza de Mulas.

Uma vez em campo entender em que momento da sua existência sazonal Plaza de Mulas estava quando cheguei era uma interessante dificuldade, havida conta que sua duração vai de finais de novembro até começos de março e que o ritmo social variava em esses três meses como depois descobri. Até janeiro um ritmo mais calmo, apenas quebrado pelas festas de Natal e Ano Novo. Janeiro e fevereiro tudo começa a se acelerar e Plaza de Mulas parece uma vila de veraneio com seus multicoloridos turistas lotando as trilhas de subida. Março é o mês onde tudo acaba e o desespero invade e os que não conseguiram chegar ao cume tem sua última oportunidade. É o mês em que os campamenteros, guias, porteadores querem retornar para suas casas. Como foi dito a existência do acampamento base de Plaza de Mulas é sazonal, embora poderíamos dizer sem medo de errar muito que ela é efêmera e renasce a cada ano, como uma cria de se mesma, semelhante, porém não igual. Entender em que momento desta história cíclica o pesquisador chega é de soma importância para a pesquisa, pois confundir o ritmo ou atribuir o mesmo ritmo para todo o período da sua existência temporal colocaria em risco a credibilidade do trabalho devido a uma percepção equivocada do momento em que se pesquisa. No meu caso, foi conversando com as pessoas que fazem o dia-a-dia de Plaza de Mulas (campamenteros, guias, porteadores, arrieros, médicos (as) e guarda-parques) que resolvi essa questão, pois eles, melhor do que ninguém, viviam o ritmo social de Plaza de Mulas e sentiam suas mudanças. Não foram consultados os clientes, pois eles –ao igual que eu- estavam chegando. Aliás clientes estão sempre chegando e/ou indo, nunca permanecendo, nem fazendo parte da rotina de atividades que a vida de montanha impõe, justamente pela sua condição de cliente que pagou pelo serviço que outros terão que fazer.

Tal vez a maior dificuldade para a pesquisa, e que não deve ser diferente para outros pesquisadores em campo, é a relação como os outros, nativos dessa (e nessa) pesquisa. No Monte Aconcágua, mas especificamente Plaza de Mulas, este tema da naturalidade é ainda um pouco mais complexo, pois “os nativos” não nasceram nesse local, porém ano-a-ano estão aí e dão vida a esta comunidade. Sobre as dificuldades, no meu caso foram duas as coisas que atrapalharam, a primeira foi um erro na Resolução que me permitia entrar ao Parque Provincial Aconcágua que me atribuía cargos e méritos acadêmicos que

eu não tinha (nem tenho) e que me colocava numa espécie de limbo científico, como uma espécie de pop-star da antropologia, eu um simples e vacilante estudante de penúltima fase. Este erro provavelmente se deveu a que sou muito mais velho que a maioria dos estudantes e de alguma maneira a pessoa que escreveu (após ver minha ficha de cadastro na solicitação de pesquisa) a Resolução associou: velhice = sapiência. Ao contrário de me ajudar este erro me complicou muito (fora a vergonha de que alguém possa supor que eu mesmo tinha me atribuído esses méritos acadêmicos). Digo que me atrapalhou porque me colocou na encruzilhada de esclarecer o fato (e atrasar ainda mais, pois a Resolução devia ser reescrita e colocada à disposição da Diretora para que a assinara) ou não dizer nada e correr o risco de no final ter que explicar porque eu dizia ser que eu não era (mesmo que o erro de redação não fosse meu). Resolvi este ponto da forma que achei mais ética: falei imediatamente que havia esse erro. A resposta da secretaria foi que agradecia a sinceridade, mas que não me preocupasse e continuasse meu trabalho. Não forcei a situação e foi para a montanha a trabalhar. A segunda foi (já em campo) a posição discursiva que as pessoas tomavam quando eu tentava conversar. É bom esclarecer que Plaza de Mula não é muito grande e que antes de eu chegar já todos sabiam que um ANTROPÓLOGO (com as maiúsculas da notícia adiantada que corre de boca em boca e vai crescendo exponencialmente) estava chegando para realizar UMA INVESTIGAÇÃO (também nas maiúsculas do hermetismo místico das coisas que não são reconhecíveis e cotidianas). Esta posição discursiva que pode ser traduzida nestas páginas como frases de efeito visando uma busca de simetrizar entrevistado e o pesquisador, provocava um efeito de eco nas perguntas do pesquisador sempre com um comentário de dúvida em relação ao valor e objeto da pesquisa. Desta forma meu trabalho não evoluía, pois era como se eu entrevistasse uma espécie de espelho convexo. A solução foi sumir entre todos até que não fosse o antropólogo que as pessoas viessem, mas o Marce (diminutivo de Marcelo) que ajudava na cozinha do acampamento, que xingava e ria e bebia vinho junto com os demais. A partir desta iniciativa (sincera devo esclarecer) as pessoas começaram a me contar o que de fato achavam sobre as coisas pelas que a conversa (entre chimarrão e chimarrão) discorria. Obviamente eu ia propondo os pontos com que a trama da conversa se tecia. As pessoas, mesmo sabendo que eu era um antropólogo em pesquisa de campo, confiavam no Marce e era a ele que contavam suas percepções sobre os assuntos abordados (incluindo temas que poderiam causar-lhes problemas).

E quem são estes “nativos”?

Plaza de Mulas é a resultante capaz de reproduzir um efeito equivalente ao de todas as forças de um sistema (empresas prestadoras de serviços, governo, polícia e médicos) aplicadas a um corpo (Parque Provincial Aconcágua). As pessoas às que denominei (com aspas) nativos, são quem movimentam todo esse sistema e o fazem desde profissões diversas, mas todas relacionadas à comercialização da montanha e do montanhismo. Desde que esta comercialização exige um atendimento cada vez melhor para o cliente, as pessoas que trabalham devem ser profissionais. Ao que parece não há mais lugar para amadores no Monte Aconcágua. A grande maioria das pessoas com quem conversei ao longo de duas temporadas em campo tinham uma profissão relacionada ao turismo (guias, cozinheiros, “bacheros”<sup>23</sup>) ou à segurança (policiais e guarda-parques) ou ao atendimento médico (médicos e residentes).

## **2.9. Contexto territorial II – Acampamento Plaza de Mulas**

O acampamento base de Plaza de Mulas atualmente está localizado na lateral à projeção da Glaciar Horcones Superior ao sul, correndo paralelo à face oeste do Aconcágua (Figura 18). Este acampamento base já teve duas localizações anteriores: antes da Cuesta Brava primeiro e, posteriormente, posicionado sobre a encosta da montanha no lado direito, no sentido Monte México-Monte El Cuerno – Sul/Norte, da atual. O primeiro foi derrubado por uma avalanche e o segundo foi ao que parece, transferido no ano 1996 por causa do risco de avalanche (na temporada 1994-95 houve o deslizamento de uma rocha que destruiu uma barraca, mas não houve vítimas fatais) e para maior suporte de pessoas e das empresas de prestadores de serviços.

---

<sup>23</sup> Lava-pratos com experiência em restaurantes e hotéis.

Figura 18 – Plaza de Mulas desde o Monte Bonete (vista da face oeste e do Glaciar Horcones Superior)



Foto: Marcelo Balvoa

O acampamento de Plaza de Mulas é mais complexo por seguir um padrão diferente, ao que parece não se organiza sobre um elemento urbanístico histórico, mas sobre normativas governamentais, adaptação ao espaço, hierarquias econômicas (maior quantidade de domos e barracas, significa mais clientes), domínios territoriais (obtido por dominação espacial por presença constante em várias temporadas) e relações de poder (de empresas de prestadores de serviço em Mendoza e dos campamenteros *in situ*).

Como já foi relatado Plaza de Mulas está situada sobre a parte direita do glaciar, na camada superficial de terra e rocha. O acampamento foi adquirindo, ao longo do tempo, uma característica principal: vai acompanhando o terreno, amoldando-se a sua superfície e sujeitando-se a seus contornos, ou seja, é longitudinal com uma tendência ao formato de um triângulo escaleno, com a entrada no seu cateto menor (zona do heliporto e Guarda-parques).

Vejam algumas fotos de Plaza de Mulas (Figuras 19 e 20) a partir do local conhecido como El Semáforo para apreciar melhor a distribuição descrita.

Figura 19 - Plaza de Mulas atual vista desde El Semáforo



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 20 - Plaza de Mulas atual (formato triangular)



Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

A disposição espacial dos prestadores de serviço, agentes do governo, médicos, e porteadores independentes<sup>24</sup>, excetuando a Equipe de resgate da Polícia que tem sua base no Obrador -casinha de madeira do Hotel Refugio do outro lado do glaciar, margem esquerda, não corresponde a uma urbanização do tipo histórica como encontramos em Confluência. Desta forma vemos um intrincado formato labiríntico com um corredor principal para humanos e animais que serpenteia medialmente os diferentes acampamentos, separando Plaza de Mulas em duas metades de semelhantes proporções (Figura 21). Não se observou uma motivação organizacional espacial específica (além das já citadas) entre estas zonas, embora chamasse minha atenção que este corredor é claramente divisor e fronteiro entre empresas não havendo nenhum acampamento que comece de um lado do corredor e termine no outro. Aparentemente esta complexa forma de organização social dualística é simétrica entre as partes, observando-se desigualdades espaciais e hierárquicas. Levi-Strauss se perguntava “Como podem metades sujeitas a obrigações recíprocas e que exercem direitos simétricos ser ao mesmo tempo hierarquizadas?” ([1974] 2008).

Figura 21 - Plaza de Mulas atual com seu corredor principal e suas ramificações



---

<sup>24</sup> Não se inclui nesta lista os alpinistas independentes porque me foi informado que todos devem contratar serviço (pelo menos de banheiros) dos prestadores de serviços.

Figura 22 - Plaza de Mulas atual com suas divisões territoriais



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

### Empresas de Prestadores de Serviços, Guarda-parques e médicos

	AZIMUT
	ACONCAGUA VISIÓN
	APA y GUARDAPARQUES
	JUAN HERRERA
	INKA y MEDICOS
	MALLKU
	GRAJALES
	LANKU
	PARED SUR
	AGM (AYMARA e ACONCAGUA TREK )

Sobre a organização interna dos acampamentos se observou que os prestadores de serviço (principalmente os maiores) dispõem seus domos conforme uma estratégia funcional própria, deixando um espaço para as barracas dos clientes dentro do perímetro de cada empresa.

Importante destacar que sobre o espaço que as empresas definem para estas barracas existe uma política de vizinhança onde não há invasões de uma empresa no território da outra (Figura 22). O mesmo acontece com os serviços sanitários, a maioria das empresas organiza trilhas diretas desde os domos até os banheiros (Figura 21), embora a visibilidade maior que ajuda a distinguir banheiros de diferentes empresas são as logomarcas. Os banheiros são do tipo latrina, as pessoas devem se abaixar para realizar suas necessidades. Estes banheiros são muito semelhantes entre si, um prisma de 2m x 1m x 1m (Figuras 23 e 24) aproximadamente com duas portas sendo uma a que se usa habitualmente e a outra que só se utiliza quando se realiza o trabalho de evacuação dos detritos. A atividade de retirada de detritos precisa de uma cooperação entre os chamados *campamenteros* das diferentes empresas que se unem para este labor, que consiste na retirada de um tonel de lata da cor branca que é retirado pela porta secundária e colocado há alguns metros do banheiro de onde é retirado pelo helicóptero. (Figura 25)

Figura 23 - Banheiros em Plaza de Mulas



Foto:Marcelo Balvoa

Figura 24 - Posicionamento dos Banheiros

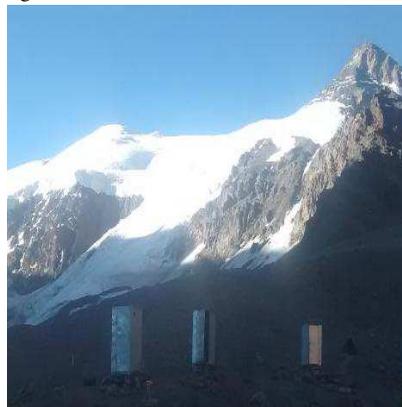


Foto: Marcelo Balvoa

Figura 25 – Retirada dos detritos no helicóptero



Foto: Marcelo Balvoa

Esta forma de diferenciação baseada nas logomarcas das empresas é acompanhada pelas diferentes cores que cada uma tem em seus domos e que as caracteriza. Hoje a supremacia, quando se refere ao formato das barracas é o semiesférico ou geodésico conhecido como domo, ou iglu, para as barracas menores (Figuras 26 e 27). Esta superioridade deve-se à comprovada eficiência para suportar ventos e acumular pouca quantidade de neve, justamente por não ter lados retos (nem verticais, nem horizontais, salvo o chão da mesma) expostos. Apesar disso ainda perduram barracas-comedores ou depósitos com formato semicilíndrico e inclusive do tipo canadense. É comum ver painéis solares na quase totalidade das empresas, em alguns casos cada domo tem seu próprio painel solar. Cabe destacar que uma das primeiras a utilizar painéis solares no Aconcágua foi Alessio Expediciones no ano 1994.

Figura 26 – Domos (barracas com formato geodésico) e barracas iglu



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 27 - Vista geral da organização inter-espacial de empresas prestadoras de serviços



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 28 - Organização intra-espacial de uma empresa prestadora de serviços



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 29 - Organização espacial de outra empresa com local específico para barraca de cliente



Foto: Marcelo Balvoa

Figuras 30 e 31 - Utilizações do espaço intra-acampamental de uma empresa prestadora de serviços



Foto: Marcelo Balvoa



Foto: Marcelo Balvoa

Também observo que as antenas de tipo UHF y VHF estão quase extintas, sendo predominante o uso de celulares ou notebooks com internet. A grande maioria dos prestadores de serviço oferece internet para seus clientes, mas isto também pode não ter continuidade ao longo prazo por conta da velocidade no desenvolvimento tecnológico das empresas de telefonia móvel com internet. No entanto os rádios-comunicadores portáteis (HT) continuam sendo usados normalmente, principalmente pelos guias.

Outro tema observado foi o posicionamento dos banheiros em relação aos acampamentos das empresas prestadoras de serviço. Ao que parece a localização dos mesmos não é só determinada pela comodidade e higiene, mas pela melhor posição para a evacuação dos tanques metálicos com detritos por meio do helicóptero contratado para este e outros afazeres. Também esta estratégia de não contaminação do glaciar por detritos é uma das tantas já tentadas em Plaza de Mulas. Recordemos, por exemplo, os banheiros com secagem por solarização (idealizados pelos alunos da Universidade Tecnológica Nacional – UTN da Argentina), as simples latrinas, os recipientes plásticos de 200 litros com furos para dar evasão aos líquidos, etc.

Nos acampamentos de altura o tema sanitário de evacuação de detritos é realizado individualmente (até Plaza de Mulas) com a utilização de sacolas plásticas da cor alaranjado, que muitos colocam dentro de recipientes cilíndricos. O caso do refúgio Berlim (Figura 32) é de total abandono e de saturação (mau cheiro quando se descongela) por causa –ao parecer- de anos sem evacuação de detritos. Hoje praticamente a grande maioria utiliza como último acampamento antes do assalto ao cume o campo conhecido como Cólera. (Figura 33)

Figura 32 – Campo Berlin e seus refúgios (5.930 msnm)



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 33 – Campo Cólera (5.970 msnm)



Foto: Marcelo Balvoa

Outro tema relacionado ao contexto territorial que abordaremos de forma superficial será a água, sua obtenção, distribuição, uso e descarte.

Como já comentado anteriormente no contexto territorial de Confluência o consumo de água é de extrema necessidade em altura, prevenindo os conhecidos MAM. Por isso as empresas realizam um grande esforço para fornecer quantidade e qualidade suficientes. A água é conseguida numa vertente de degelo na base do glaciar do Monte El Cuerno (5.462 msnm), sendo então conduzida por meio de mangueiras até os acampamentos<sup>25</sup> (Figura 35). Os acampamentos com mais fluxo de clientes (que em alguns casos alcança e, às vezes, ultrapassa as oitenta pessoas/dia) em geral tem mangueira própria, em outros casos existe uma mangueira principal que se divide em ramais que chegam até os diferentes acampamentos. Importante destacar que estes ramais não estão sempre conectados, mas cumprem uma rotina semelhante à forma de regadio utilizado em Mendoza (e também em outros lugares do mundo) nas culturas de uva e outras frutas: turnos rotativos de água. Neste sistema há um responsável por acampamento para liberar a saída de água da vertente, destapar e unir a longa mangueira principal (esta função é rotativa, cumprida pelos *campamenteros* das empresas usuárias) (Figura 36). Há também um responsável por unir a mangueira do próprio acampamento à principal, mantendo estas unidas até que os reservatórios se completem, geralmente tanques plásticos de 200 litros (Figura 37). Assim que os tanques estão cheios de água a mangueira é desconectada e outro *campamentero* a conecta a sua própria mangueira e o ciclo se repete. Como os acampamentos (olhando desde a vertente para baixo) estão em ordem decrescente de altura, se produz uma ordem natural física de abastecimento. Este trabalho de cooperação é necessário porque devido ao frio e à intempérie sempre haverá obstrução por congelamento. Evidentemente quanto mais grosso seja o diâmetro da mangueira menos possibilidade de obstrução, mas também mais difícil de manejar e transportar, principalmente desde Puente de Inca para Plaza de Mulas. Esta cooperação entre os (as) *campamenteros* (as) das diferentes empresas como forma de resolver problemas (ocasionados pelo contexto territorial e suas derivações) e dividir resultados, produz fortes laços relacionais que transcende o vínculo empregatício, principalmente em empresas de pequeno porte. O que observei é que nas empresas maiores, com mangueiras e reservatórios próprios, esta inter-relação entre sujeitos que trabalham para empresas diferentes não se percebe tão claramente ou talvez nem exista. O ato de compartilhar a

---

<sup>25</sup> Algumas empresas com grande quantidade de clientes utilizam piscinas de lona plásticas como reservatórios de água que captam a água vinda do glaciar e desde aí a distribuem e gerenciam para o abastecimento e uso dos clientes.

água e a socialização do esforço por obtê-la é muito importante para as pessoas que trabalham durante toda a temporada em Plaza de Mulas.

Figura 34 - Glaciar do Monte El Cuerno



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 35 - Vertente do Monte El Cuerno Figura 36 - Realizando a conexão das mangueiras



Foto: Marcelo Balvoa



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 37 - Armazenamento



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 38 - Higienização



Foto: Marcelo Balvoa

Figura 39 - Filtragem e descarte



Foto: Marcelo Balvoa

Mas o uso, principalmente para lavar utensílios de cozinha, pratos e talheres, embora também para tomar banho<sup>26</sup>, acarreta um problema: o que fazer com as denominadas “águas cinzentas”<sup>26</sup> (AC)? Há uma proposta sendo experimentada como uma potencial solução, que é a filtragem por decantação. Até o momento em que este pesquisador permaneceu em campo o sistema apresentava resultados aparentemente positivos, alguns *campamenteros* estavam imitando este experimento.

Mas tudo o que foi apresentado e explicado sobre Plaza de Mulas pode mudar. Há no governo mendocino a intenção de transferir este acampamento para outro lugar. O local escolhido é do lado do Hotel Refugio, entre a subida do Monte Bonete e base do Monte Catedral. (Figura 40) O objetivo seria atender à Lei nº 26.639, conhecida como Lei de Glaciares. O *Instituto Argentino de Nivología, Glaciología y Ciencias Ambientales* (Ianigla)<sup>27</sup> terminou o inventario nacional de glaciares, disposto por esta lei e que inclui o Glaciar Horcones, que é justamente sobre onde está situada Plaza de Mulas atualmente. (Figura 19) A data para esta nova mudança ainda não foi definida pelo governo

<sup>26</sup> Existe atualmente em Plaza de Mulas duas empresas Pared Sur e Geo Trek que trabalham com o serviço avulso de banhos com água quente, as duas também funcionam como bares. Este serviço funciona com aquecedores solares e tinha um valor (na temporada 2016-17) de 15 dólares, embora a maioria das empresas ofereça este serviço para seus clientes.

<sup>26</sup> Águas cinzentas é a água já utilizada para lavar ou para cozinhar.

<sup>27</sup> Disponível em < <https://www.mendoza-conicet.gov.ar/portal/novedades/index/el-ianigla-publico-nueva-informacion-del-inventario-nacional-de-glaciares> > Acesso em 27/02/18

de Mendoza, provavelmente será a partir da próxima temporada (2018-19). Esta mudança significará muitos câmbios, por exemplo: os porteos começaram na outra margem do glaciar consequentemente os preços poderão ser mais altos, os terrenos para cada empresa estarão mais restringidos (se fala que o governo pretende licitar as parcelas aonde se instalarão as empresas), os guarda-parques e médicos terão sua base no Hotel Refugio, entre outras.

Figura 40 – Potencial localização da nova Plaza de Mulas



Foto: Marcelo Balvoa

## **2.10. O cliente, esse obscuro objeto de desejo (como entender o montanhismo atual)**

No trabalho de campo se notou claramente (ainda sem a necessidade inicial de contato pessoal ou abordagem para entrevistas) quem eram os clientes e, principalmente, por que eram clientes. Parece óbvio, mas se nós analisarmos mais detalhadamente, não é tanto. Não é só a diferença nas roupas ou no idioma, e sim no comportamento. Duas coisas foram evidentes, o desinteresse por colaborar nas tarefas típicas de um acampamento de montanha (alguns acampamentos base são praticamente hotéis e são vistos como tal pelos clientes) e, como veremos, a dependência praticamente total ao guia e, consequentemente, das empresas prestadoras de serviços.

Como exemplo típico desta dependência, podemos citar a água quente. É muito difícil ver clientes usando fogareiros para ferver água, mas muito comum vê-los fazer fila para obter essa chamaremos de mercadoria<sup>28</sup> (principalmente nos acampamentos de altura) com suas garrafas térmicas nas mãos. Então um cliente é alguém que pagou por um serviço ou uma mercadoria, é alguém que tem os meios econômicos para isto, e poderíamos acrescentar, e o tempo para realizar uma aventura deste porte. Um cliente dificilmente será visto indo buscar neve para “fabricar” água, ele pagou para obter a água pronta para o chá, a sopa, o liofilizado ou o suco. Ele pagou por esta mercadoria. Vamos utilizar o exemplo micro (água quente) para entender o contexto macro do cliente como parte essencial do montanhismo atual.

Figura 41 - Derretendo neve para “fabricar” água.



Foto: Marcelo Balvoa

Água, como já foi dito, é um elemento essencial para a sobrevivência na montanha e todos os que decidem ir às montanhas de

---

<sup>28</sup> “A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades –se, por exemplo, elas provem do estômago ou da imaginação– não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [Lebensmittel], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção” Marx, K. [1932]2013, p.113.

altura o sabem, memorizam e repetem “beber de dois a três litros de água por dia”. Os guias lembram aos clientes a cada instante desta obrigação líquida, os médicos perguntam: está bebendo bastante água? A água na altura é mais importante ainda que a qualidade da própria roupa de proteção, por mais tecnologia que a fabricação dela possua. Mas esta água, produzida pelo descongelamento da neve, tem uma deficiência química que provoca o problema fisiológico da não retenção: ela não tem sais. Desta maneira há sempre que colocar algum elemento (sucos e/ou sopas) para assim bebe-la, embora cozinhar com ela seja totalmente possível. Agora vamos verificar tudo o que um simples litro de água move em termos econômicos.

No acampamento base, “alguém” (pago para isto) teve como já notamos anteriormente quando tratamos o contexto territorial, que ajudar a dar início e continuidade ao ciclo: buscar, conduzir, armazenar, servir e descartar. Na altura, “alguém” (pago para isto) teve que buscar a neve, “fabricar” água e servi-la. Nos dois casos temos o problema que acabamos de descrever no parágrafo anterior: esta água não pode ser consumida sozinha, precisa de sucos, sopas, liofilizados, chás, café, etc. Isto dá continuidade e amplia o ciclo anteriormente descrito para um ciclo maior que se estende até a cidade de Mendoza. Vejamos. Os elementos com que a água deve misturar-se para poder ser consumida tem que serem comprados, acondicionados e transportados. Todo este ciclo é feito por pessoas pagas para isto (funcionários, motoristas e *arrieros*). O valor dos produtos envolvidos nesta corrente tem um custo inicial (no supermercado) que no final deste ciclo (e devido a ele) tem um valor muito maior em Plaza de Mulas que em Mendoza. E tudo isto existe porque existem clientes. E estes clientes decidem participar das expedições oferecidas pelas empresas especializadas em turismo de aventura, justamente, porque contam com todo este aparelho a sua disposição (em muitos casos o cliente não sabia nem acender o fogareiro, nem aonde buscar a neve) este ciclo se renova com cada expedição e a cada temporada. E, temporada a temporada, o serviço é melhorado para satisfazer a clientes cada vez mais exigentes. E eles vêm em quantidades cada vez maiores, sendo normal ver longas filas subindo, inclusive engarrafamentos em lugares como “El Semáforo” ou “La Espina de Pescado” ou na subida pelo cabo de aço para Campo Cólera (aliás, sem este cabo de aço muitos nem conseguiriam prosseguir a marcha). É um círculo que a cada ano se aproxima mais ao turismo de luxo. Onde tudo é fornecido ao cliente, mas o preço é a dependência (tudo é controlado) quase absoluta às empresas prestadoras de serviço, sejam estas gerenciadas por estrangeiros ou mendocinos. O cliente é

cercado pelo conforto, mas perde a capacidade de gerenciar suas atividades e administrar seu tempo. No livro *Aconcagua: The Invention of Mountaineering on America's Highest Peak*, (2011) Joy Logan, professora de estudos espanhóis, latino-americanos e ibéricos na Universidade de Hawaíi, em Manoa, analisa os papéis e funções dos guias de montanha, especialmente em relação a noções de gênero e nação e o impacto, nas diferentes esferas do social, da “descoberta” do Aconcágua pelo montanhismo internacional:

“In Mendocino-guided open expeditions, one expedition, one that is prescheduled and programmed by the service-providing agency and that include participants from all over the world, the times, food, activities, body, and gear of the mountaineering client are supervised and constrained by the agency's guides, the schedules of support teams, and the time limit of the park entrances permit. Private groups who make the trek alone or those who hire Mendocino guides still find their schedule contingent on the time and service restrictions that the agency sets and on the supervisory roles of the guides, park rangers, and doctors. Those international expeditions that bring along their own guides also follow this kind of preorganized plan set up in advances by their home agencies.” (LOGAN, 2011, p.170).<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Trad. do autor: Nas expedições abertas (**comerciais**, agregado do autor) guiadas por mendocinos, préprogramadas pela empresa prestadora de serviços com participantes de todo o mundo, os horários, alimentos, atividades, corpo e equipamento do cliente são supervisionados e limitados pelos guias da empresa, adequando-se aos horários das equipes de suporte (**campamenteros**, agregado do autor) e aos limites de tempo (máximo de 20 dias, agregado do autor) que o Parque permite. Grupos privados que fazem a trilha sozinhos ou aqueles que contratam os serviços só de guias (mendocinos) ainda se encontram dependentes das restrições de tempo e serviço que a empresa coloca e à supervisão dos guias, guardas-parque e médicos. As expedições internacionais que trazem seus próprios guias também seguem esse tipo de plano pré-organizado, criado com antecedência por suas empresas de origem.

Figura 42 - Duas expedições comerciais iniciando a subida pela rota normal



Foto: Sergio Salinas

Um dos entrevistados o definiu desta maneira: “eles vêm tirar uma foto no cume, como o fariam na Estátua da Liberdade ou na Torre Eiffel”. E as empresas estão aí, com seus guias, acampamentos (cozinheiros, ajudantes de cozinha, etc.) e *porteadores*, para que eles consigam essa foto. Esta relação entre o serviço prestado e objetivo desejado gera um ciclo, onde uma parte precisa da outra para continuar. Se uma das partes deixa de participar a outra perde a razão de existir. Se cria, desta forma, um vínculo onde é preciso que o cliente seja cada vez mais dependente para poder oferecer mais e melhores serviços e quanto mais e melhores serviços são oferecidos, menos experiência em montanha o cliente precisa ter. Tudo isto só pode existir se há um motivo muito grande: estar no topo da montanha mais alta das Américas e a mais alta do mundo fora dos Himalaias. Para Raymond Firth

“[...] um tipo de ação social, envolvendo a combinação de vários tipos de serviços humanos entre si e com bens não-humanos de modo a servir a várias finalidades. Isso implica um arranjo desses elementos em um sistema, pela limitação dos tipos de relações que podem existir potencialmente entre eles. Essa combinação ou limitação não ocorre mecanicamente, mas pela atribuição de valores aos bens e serviços.” (Firth, 1974, p.139)

O que se percebeu na pesquisa de campo é que esses clientes não estão dispostos a carregar peso, principalmente para descer, muito menos o peso de não conseguir “essa foto”. E isso significa pressão para os guias e trabalho para os *porteadores*.

### **2.11.Limites consensuais: o valor do peso numa escala de altitude e os porteadores do Monte Aconcágua**

É muito comum, quando se fala em escalar montanhas de altitude, que as pessoas pensem como se carrega todo o equipamento necessário para cima. É nesse momento que escutamos falar dos Sherpas como sinônimo de carregador ou *porteador*. Mas no livro *Life and Death on Mt. Everest, Sherpas and himalyan mountaineering*, Sherry Ornet nos esclarece sobre o assunto,

“Most Himalayan throughout the twentieth century have relied on people called Sherpas for general - portering, skilled high-altitude portering, and all-around expeditions support. Casual observers are often confused as to whether “Sherpas” are an ethnic group, a role category, or both, and their confusion is not unjustified. I will clarify this briefly here, but the question of what an introduction, arise in different ways throughout the book [...]The sherpas are indeed, first of all, an ethnic group who live in northeast Nepal, in the mountains and valley surrounding the Everest massif. Their ancestor migrated from eastern Tibet in the sixteenth century, and they remain closely related ethnically to Tibetans. In the second half of the nineteenth century some Sherpa men began migrating (for the most part seasonally) to the Darjeeling region of India in search of economic opportunity with the British in the form of both petty and grand enterprise, and of wage labor. Along with members of the other ethnic group, the Sherpas presented themselves for “colie” work on road-building projects in the Darjeeling area, for exploration and surveying projects in the surrounding mountains, and for climbing expeditions as these became a distinct form of activity. The Sherpas quickly distinguished themselves: as early as 1907 climbers were marking the Sherpas as particularly well suited for the support work involved

in mountain exploring and climbing. ” (ORNET, 1999, p.12-13)

Os *porteadores* do Aconcágua a diferença dos Sherpas não são uma etnia, mas trabalhadores de diferentes regiões da Argentina que não necessariamente montanhosas. E assim como todos os carregadores nas montanhas famosas (naquelas que não ostentam esta fama, praticamente não há pessoas que cumpram esta função) cumprem um papel cada vez mais importante (em muitos casos, indispensável), este protagonismo está relacionado com o aumento das pessoas sem (ou com pouca) experiência em montanhismo, com maior poder aquisitivo e sem o ideal montanhista predominante antes da década dos anos 90. Este aumento de pessoas, que em muitos casos escalam pela primeira vez (e que muito provavelmente nunca mais voltarão a fazê-lo) provocou uma ruptura na cultura de montanha. Não é mais se preciso conhecer sobre montanhismo, basta ter o dinheiro para pagar um bom guia. Reinhold Messner, talvez o maior alpinista de todos os tempos (o primeiro a subir as quatorze montanhas com mais de 8 mil metros de altitude em estilo alpino)<sup>30</sup>, deu sua opinião sobre a mudança no perfil dos novos montanhistas numa entrevista para o site da Deutsche Welle onde faz referência ao neozelandês Edmund Hillary o primeiro, junto com Tenzing Norgay do povo Sherpa, a chegar ao topo do Monte Everest em 1953:

“Eu posso garantir que, das mil pessoas que estão lá agora (no Everest), nem ao menos três conseguiriam partir se não houvesse as rotas previamente preparadas. A montanha está toda preparada com cordas, escadas e correntes, e por isso ela é acessível a todos.

Se isso é certo ou errado, é para mim relativamente indiferente. Isso não tem nada a ver com o alpinismo clássico. As pessoas não escalam o Everest de Hillary nem o meu, mas um outro monte, apesar de ele ser geologicamente o mesmo”.<sup>31</sup> (MESSNER, 2016)

---

<sup>30</sup> Estilo alpino é considerado o mais esportivo, pois utiliza um mínimo de equipamento para a escalada.

<sup>31</sup> Disponível em <<http://www.dw.com/pt-br/o-everest-virou-um-monte-banal-afirma-alpinista-reinholdmessner/a-16838941>> Acesso em 14/10/2016

Estes *porteadores* (ou porters, em inglês) são na sua maioria jovens, classe média, estudantes ou desempregados, com um conhecimento mediano de alpinismo e que enxergam nesta atividade a possibilidade de conseguir economizar o dinheiro resultante dos *porteos* para, após a temporada, viajar ou simplesmente viver até a próxima temporada. *Porteio* é como se denomina a carga que é subida ou descida a pedido de um cliente conforme um valor estabelecido entre as partes mediante um contrato formal ou verbal, atravessado por uma empresa, independente ou cooperativado. Este trabalho cresce conforme cresce a quantidade de clientes que tentam o cume do Aconcágua. Embora a maioria dos *porteadores* seja de sexo masculino também encontramos mulheres entre eles, porém são poucas. Na pesquisa não se comprovou que houvesse qualquer diferença no trabalho (por exemplo, menos peso) ou no valor ganho decorrente do gênero, porém numa conversa com duas de elas, estas reclamaram de machismo na distribuição dos porteos independentes que desfavoreceria às porteadoras mulheres. Estas jovens mulheres têm experiência em montanha (algumas delas com muito mais experiência em montanha que seus colegas de trabalho). As duas com que conversei mais tempo não conseguiam colocar-se no mercado de trabalho na cidade, mesmo uma delas que está se formando em Nutrição.

Figura 43 - *Porteadores* preparados para subir ao Campo Cólera (5.970m)



Foto: Marcelo Balvoa

O que se percebeu na investigação (embora não de forma totalmente conclusiva) é que eles são contratados, mais para baixar peso que para subir (descontando a comida e o combustível). Esta informação foi obtida dos registros do porteador que gerenciava e administrava os porteos independentes na temporada 2017-18. Isto pode estar relacionado a que, não sendo o montanhismo uma atividade constante na vida deste cliente, uma vez que não consegue alcançar o cume perde interesse quase imediatamente pela montanha. Também se vê isto pelo uso do helicóptero<sup>32</sup> para descer até a Vila de Puente de Inca, evitando caminhar no retorno.

Os *porteadores* utilizam uma medida de peso (Mp) equivalente a 20kg com um preço fixado (embora possa ser negociado) de antemão no começo da temporada por um acordo entre a maioria dos *porteadores*, porém é normal carregar muito mais peso que os 20kg. Uma medida de porteio Mp (20kg) é só uma medida, podendo haver outras opções, por ex:  $\frac{1}{2}$  Mp ,  $1 \frac{1}{2}$  Mp, 2 Mp, inclusive dividir cargas com outros *porteadores* consequentemente dividir o dinheiro aceitando códigos de negociação preestabelecidos. Parece haver entre eles uma espécie de equação que poderíamos traduzir assim: *mais capacidade de carregar peso igual a mais fama* (+ carga = + fama). Não parece haver uma relação direta entre a fama e a possibilidade de ganhar mais dinheiro por causa dela. Mas há, em aparência, um ganho procurado com esta fama: o reconhecimento dos seus pares. Porém a busca da fama não necessariamente passa pela busca de reconhecimento, mas pode responder a outro apelo, para a antropóloga Nizia Maria Souza Villaça (2015) “Tornar-se famoso é o jogo da vida do século XXI. A fama como objetivo deve ser alcançada por meio de um manancial de ações e truques”.

Os *porteadores* que pertencem a uma empresa devem dividir o resultado do porteio (em média 30% fica para a empresa), em troca de logística e ter garantido um fluxo de cargas na temporada (os clientes da empresa). A exceção é a Associação de Porteadores do Aconcágua-APA e os pouquíssimos *porteadores* independentes que recebem os 100% do valor negociado. Em algumas empresas menores, não se tira uma porcentagem das cargas, porém os *porteadores* tem que ajudar com o

---

<sup>32</sup> O helicóptero pertence a uma empresa terceirizada que é contratada para evacuação de acidentados, doentes ou óbitos. Também tem por função transporte de guarda-parques, material e comida. Outra função do helicóptero é a evacuação do lixo e dos dejetos humanos dos banheiros. O helicóptero também realiza o transporte de passageiros e visitas aéreas.

trabalho no acampamento base, o que também lhes garante a comida e a logística. Há em tudo isto uma clara presença foucaultiana nessas relações de poder, organizadas, piramidalizadas, coordenadas e permeáveis.

“De modo geral, penso que é preciso ver como as grandes estratégias de poder se incrustam, encontram suas condições de exercício em micro-relações de poder. Mas sempre há também movimentos de retorno, que fazem com que as estratégias que coordenam as relações de poder produzam efeitos novos e avancem sobre domínios que, até o momento, não estavam concernidos. ”  
(FOUCAULT, 1997, p.142)

É interessante pensar na APA como uma estratégia dessas (e nessas) micro relações que se recriam a cada temporada. Nas conversações com porteadores (tanto com os que podiam trabalhar de forma livre como os que só trabalhavam para uma empresa) surgiram muitas dúvidas sobre o real benefício para o **coletivo porteadores** da existência desta entidade, até onde pude ver esta entidade não pretende reivindicar direitos dos porteadores, ela funciona mais como uma empresa independente de transporte de carga.

As negociações realizadas em Plaza de Mulas (para definir um **preço mínimo**<sup>33</sup> dos porteios) que todos os *porteadores* (os “free”, os associados à APA e os “contratados” pelas empresas) realizam no começo da temporada é também um trânsito na permeabilidade dessas relações de poder.

Já foi dito que o fato de chegar ao cume (ou não) pode determinar a forma de agir dos clientes em relação à carga. A logística da maioria das expedições organiza-se para que os clientes subam lentamente sua própria carga e a de uso geral (dividida entre todos os participantes da expedição). O motivo está relacionado com a aclimação que deve ser feita para evitar o Mal Agudo de Montanha-MAM (Dietz, 2006), isto implica subir várias vezes acima do acampamento base e descendo para dormir abaixo da altitude máxima alcançada. Após esta aclimação se começará a ascensão definitiva. Imaginemos isto como uma escada onde se deve subir e descer os degraus numa ação semelhante aos dentes de um serrote. Mas a descida

---

<sup>33</sup> Que serve de padrão para as negociações com os clientes.

é direta, ou seja, quase todo o peso que subimos terá que descer (incluindo nossos dejetos). Se o cliente chegou ao cume e bateu a desejada foto, tudo será alegria. Se o cliente não conseguiu chegar ao cume haverá frustração (muitas vezes devido, nem tanto pelo fato de não chegar ao topo, mas pelo fato de comprovar que foi vítima de “propaganda enganosa”<sup>34</sup>). Em ambos os casos não há mais entusiasmo para levar o peso de volta ao acampamento base, então entram no jogo os *porteadores*. Uma carga que está a menos de 5.000 msnm terá um preço menor que uma carga que está a 5.500 que a sua vez terá um preço menor que uma a 6.000. Os preços negociados não parecem refletir só uma relação de peso/esforço, mas outra relação mais acorde com essas relações de poder: o cliente depende do *porteador* para baixar esse peso. Sem ele só tem duas opções: ele mesmo carregar ou pagar uma multa. E há outra variável que não pode ser desconsiderada, estes valores não são os mesmos que os cobrados em outras montanhas. Um porteio no Aconcágua não tem o mesmo valor que no Everest, ainda se são realizados na mesma altitude, com o mesmo peso, durante o mesmo tempo e num local com a mesma exigência técnica. No Monte Everest (ou melhor, **o produto Monte Everest**) tem um valor maior por tratar-se da montanha mais alta do mundo.

Pode se dizer, sem ter medo de errar, que os *porteadores* são hoje imprescindíveis para esta atividade comercial, evidentemente, mergulhada nesse formato de organização econômica/ação social proposto por Firth que citamos anteriormente. Sem eles, muitos dos que hoje planejam ir ao Aconcágua, provavelmente mudariam de objetivo. A analogia que se me ocorre com os porteadores, é relaciona-los com os caminhoneiros. Da mesma forma que estes, os porteadores realizam transportes de cargas com diferentes destinos e ambos buscam ir e voltar carregados, mesmo com cargas de clientes diferentes.

Ao que nos parece o cliente, baseado nas entrevistas realizadas em campo, não compra só o direito de participar de uma expedição, mas algum valor abstrato que opera em relação ao cume. As motivações são muitas, desde a procura de quebrar algum recorde do tipo “a criança mais nova a chegar ao cume” ou “alpinista cego conquista a montanha mais alta das Américas” ou “ao cume em 4 horas”, etc. Algumas empresas multinacionais veem com bons olhos quando seus CEOs<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Principalmente porque se vende o Aconcágua como uma montanha fácil, como um trekking de altura, praticamente sem riscos o que está longe de ser verdade.

<sup>35</sup> Essa informação me foi dada caminho a Nido de Condores por um executivo de uma multinacional holandesa que participava de uma expedição.

adquirem essa experiência e, subentende-se, obtém o êxito de haver “conquistado” uma montanha famosa. Evidentemente isto gera uma pressão para chegar ao cume que tem levado a que as empresas produzam estratégias para aumentar as chances de êxito do cliente. Mas a maneira em que o sujeito chega cume e nas condições físicas que isto acontece, são temas relevantes como veremos a seguir. Porém uma tendência que se percebe é que a equação **maior conforto** → **maior quantidade de clientes** → **maior lucro** estaria, aparentemente, declinando, sendo substituída por uma espécie de “volta aos tempos dos pioneiros”. Esta tendência, ao parecer, ancora-se na saturação das estratégias de marketing do mercado de expedições comerciais. Como exemplo podemos citar as empresas que oferecem ir ao cume sem uso de garrafas de oxigênio<sup>36</sup> ou as expedições que não contratam *porteadores*, ambas no Everest. No Aconcágua essa tendência é imperceptível, apenas notando-se que empresas de pequeno porte continuam a subsistir com uma frequência estável de clientes. E que os contratantes, em sua maioria, demonstram ter mais experiência em montanha que os clientes das outras empresas. Alguns guias estrangeiros, dos conhecidos como *oitomilistas*<sup>36</sup> dão preferência a estas empresas para suas expedições pessoais ou comerciais. Porém a preferência é pelas empresas com mais serviços, devido ao perfil do cliente ao qual nos referimos.

## 2.12. “Limite vertical”<sup>37</sup>: o fim justifica os meios?

Esta pesquisa não pretende abrir juízo de valor sobre atitudes de clientes e profissionais envolvidos, só pretende pensar sobre a situação, indicar potenciais consequências, e colaborar com esta problematização na elaboração de futuras ações se, de fato, forem necessárias.

Partindo do pressuposto, como já foi descrito anteriormente, de que existe de fato uma diferença de perceber o cume entre estas duas categorias de sujeitos e que esta diferença traz como consequência uma potencialidade maior de acidentes entre os que tinham menos ou nenhuma experiência, principalmente na hora de descer e, potencialmente maior se estes tinham conseguido chegar ao cume. Ou

---

<sup>36</sup> Disponible en < <http://www.novashimalaya.com/expediciones/everest.html>> Acceso en 03/05/2017 <sup>36</sup> Que tem chegado ao cume de pelo menos uma montanha de mais de 8.000msnm.

<sup>37</sup> Limite Vertical é o título de um filme de montanhismo que trata dessa busca inescrupulosa de alcançar o objetivo a qualquer custo.

seja, o experiente economizaria energia para descer pois ele percebe o cume abaixo e não no alto da montanha (é dizer que quando está na altura máxima da montanha para ele está só na metade do caminho), enquanto que o inexperiente utilizaria toda sua energia para chegar na altura máxima ou seja o cume geológico, ficando totalmente extenuado (ou com energia residual mínima) na hora de descer.

Salvo alguns poucos entrevistados, a maioria dizia ver o cume abaixo, na casa, no retorno à segurança da família. Mas o que se notou em campo é que, **apesar de que o discurso se mantém**, tanto experientes como inexperientes situam o cume como objetivo máximo, ou seja, na altura máxima da montanha, no cume geológico. Se isto é consciente ou inconsciente, não cabe a este pesquisador definir. Mas, evidentemente, podemos pensar por que isto, aparentemente, é assim, quais seriam os motivos e, se há, quais seriam as consequências. Também houve uma dificuldade muito grande em definir quem poderia se considerar montanhista (este último termo utilizado aqui como sinônimo de alpinista) e quem não. Surgiu em várias oportunidades a seguinte pergunta, colocada quase retoricamente pelos entrevistados: se estou na montanha, sou montanhista? Podemos pensar que sim, desde o ponto de vista linguístico, e não desde o ponto de vista técnico, caso contrário, toda pessoa que sobe em um avião seria um aviador. Parece simples, mas foi motivo de longas conversas e discussões em Plaza de Mulas. Talvez devêssemos começar por enumerar os conhecimentos que permitiriam a uma pessoa com saúde subir montanhas com diferentes graus de dificuldade e sobreviver nelas quando necessário. Utilizando este método aquele sujeito que não possua a maioria destes conhecimentos que nomearemos nesta lista (que como toda lista, com certeza será incompleta e subjetiva) o consideraremos, para efeitos desta análise, como “pessoa com pouca ou sem experiência”, que de alguma forma estabelecerá o padrão para identificar o sujeito aqui denominado “cliente”. E aquele que possua estes conhecimentos será nosso parâmetro para identificar o alpinista ou montanhista experiente.

## Quadro 2 – Resumo das aptidões e pré-requisitos da construção do sujeito alpinista

### ANATOMIA DE UM ALPINISTA

O alpinista clássico (ou andinista como é chamado nas montanhas da Cordilheira dos Andes) é aquele sujeito que no decorrer de um longo período de tempo adquire um conjunto de habilidades e conhecimentos que lhe permitem, nas montanhas, estar orientado, transitar em qualquer tipo de terreno: árido, rochoso, nevado ou congelado (com fendas ou não), vadear rios, escalar (em gelo ou rocha), descer (caminhando ou em rapel), pernoitar (com barraca ou em bivaque) e sobreviver (ou pelo menos tentar, com chances de êxito) na montanha em qualquer situação, com qualquer clima e em qualquer época do ano. Reconhecer situações de perigo (potenciais ou iminentes) como avalanches e quedas. Esse sujeito alpinista entende de climatologia, logística de expedição, primeiros socorros, equipamentos (roupas adequadas, ferramentas técnicas, radiocomunicação, cordas, etc.), métodos de resgate (principalmente auto resgate), fauna e flora e, sobretudo, sabe trabalhar em equipe e adora viver nas montanhas. Também este alpinista tem um amplo conhecimento das normas de segurança divulgadas pela UIAA (Federação Internacional de Montanhismo e Escalada). E como se adquire este conhecimento? Além da empiria, para a formação de alpinistas existe infinidade de cursos, porém os melhores são ministrados nos Clubes de Alpinismo reconhecidos ou nos centros militares especializados em montanha. Na formação de guias de montanha o panorama já é mais restrito.

Fontes: UIAA – International Climbing and Mountaineering Federation<sup>38</sup>, EPGAMT - Guías de Alta Montaña y Trekking Coronel Valentín Ugarte<sup>39</sup>, AAGM - Asociación Argentina de Guías de Montaña<sup>40</sup>, UIAGM - Unión Internacional de Asociaciones de Guías de Montaña<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> Disponível em < <http://theuiaa.org/>> Acesso em 02/05/2017

<sup>39</sup> Disponível em < <http://www.escueladeguias.com.ar/>> Acesso em 02/05/2017

<sup>40</sup> Disponível em < <http://www.aagm.com.ar/>> Acesso em 02/05/2017

<sup>41</sup> Disponível em < <http://www.ivbv.info/en/home.html>> Acesso em 05/2017

No caso que nos toca esta pesquisa, o Monte Aconcágua e sua região, temos a *Escuela Provincial de Guías de Alta Montaña y Trekking Coronel Valentín Ugarte*, EPGAMT, fundada em 1992 que oferece um curso tecnológico com três especialidades: Guia de Alta Montanha, Guia de Montanha e Guia de Trekking. Também existe a *Asociación Argentina de Guías de Montaña*. Esta instituição em seu site explica que:

“[...] Al no existir ningún organismo oficial que certifique con idoneidad a los guías de montaña (esto en el año de su fundación 1984), la **AAGM** comenzó a dictar cursos para evaluar a los andinistas y escaladores que suponían estar capacitados para ejercer la profesión. Así se comenzó a certificar a los guías de Trekking en Cordillera, los cuales luego fueron habilitados por Parques Nacionales y diferentes organismos públicos de todo el país. ”<sup>42</sup>

Os guias que trabalham no Aconcágua se encontram divididos entre os que fizeram a EPGAMT e os que fizeram a AAGM. Pelo que soube para o governo de Mendoza só são reconhecidos como guias aquelas pessoas com certificado da EPGAMT e isto deixa desconformes aos outros guias. A situação se inverte quando são guiadas fora de Mendoza (ou seja, no mundo todo) onde os guias reconhecidos são os certificados pela AAGM, pois esta entidade tem reconhecimento internacional já que é filiada à União Internacional de Associações de Guias de Montanha (UIAGM, com sede na Suíça) onde as associações de guias de montanha de diferentes países se encontram nucleados.

No quadro estão nomeados os conhecimentos que, dentro da perspectiva deste trabalho de pesquisa, produzem esse sujeito montanhista. Que resta então para o cliente? O poder de adquirir todo este conhecimento na pessoa do guia. E o mais difícil, do cliente se espera a capacidade de se ajustar a um grupo de pessoas de perfis muito semelhantes às dele mesmo (em geral do mesmo nível econômico e acostumados às mesmas mordomias), aceitar a liderança do guia, isto inclui algo crucial e que pode significar a diferença entre viver e morrer: aceitar quando deve desistir do cume, muitas vezes a escassos metros da mesma. Esta aceitação, quando se é também líder, em muitos casos

---

<sup>42</sup> Disponível em < <http://www.aagm.com.ar/>> Acesso em 02/05/2017

responsável pela sorte de milhares de funcionários e de milhões de dólares, não é uma situação confortável. Não ter a última palavra costuma ser uma difícil renúncia para muitas destas pessoas acostumadas a mandar. É verdade que também muitos entrevistados colocaram o grande investimento econômico como um motivo para se esforçar mais, arriscando a vida inclusive, sacrificando sua saúde nesta tentativa.

Nesta difícil relação muitas são as variáveis a serem consideradas. Pensemos *custo benefício*, mas entendendo como *custo*, não só o econômico, mas também o físico e, como *benefício* não só espiritual e físico, mas também o econômico. Guias e clientes ganham sempre que se consiga a foto no cume. As empresas prestadoras de serviços e agências ganham de qualquer forma, mas ganham ainda mais, se há muitos cumes por temporada. A quantidade de cumes é uma ferramenta importante de marketing e que é bem explorada, como é evidente nos sites das empresas. Também é comum ver nos currículos dos guias a utilização desta ferramenta propaganda (quantidade de cumes alcançadas<sup>43</sup>), nesse universo de marketing, muitos cumes significa mais “garantias” de colocar outros clientes também no cume. É evidente que se trata de resultado por produtividade. Talvez esta seja uma das características mais escancaradas da comercialização do montanhismo. Deveríamos pensar quais poderiam ser as consequências deste pensamento economicista da montanha, cabe destacar que estas consequências não são, na sua totalidade, negativas.

Os resultados da pesquisa de campo nos sugerem duas consequências: as duas médicas. A primeira é o aumento do efetivo médico – se o comparamos com os começos do Parque Provincial Aconcágua – com a contratação de uma empresa especializada. Tudo isto dentro de um operativo de prevenção e controle que vem demonstrando efetividade ao longo dos anos. Também relacionada com a primeira é a capacidade de resposta perante emergências da equipe médica, muito elogiado pela maioria dos entrevistados, embora também foi criticada por guias e clientes uma aparente atitude “despótica e arrogante” da médica mais antiga da equipe. Esta última crítica, poderia passar como anedótica mas leva a pensar na capacidade de decidir quem pode ficar e quem não, evidenciando relações de poder de cunho biologicista. Para Foulcault:

---

<sup>43</sup> A maioria dos cumes explicitados e utilizados como marketing, é alcançada pelas Vias Normais da montanha que exige menor desempenho técnico.

[...]. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. (FOULCAULT, M. 1982)

É importante entender o contexto onde estas relações operam e o nível de estresse cotidiano, aumentado logicamente por situações de emergência. Curiosamente o maior expoente do poder, que é a polícia, representada pela equipe de resgate<sup>44</sup>, não teve praticamente críticas, sendo muito elogiada. Em contrapartida, a outra figura relacionada com o poder público, os Guarda-parques não receberam quase nenhum elogio, sendo criticados por não ter, atualmente, um perfil relacionado ao montanhismo e sim à proteção ambiental, o que os faria, segundo os entrevistados “inerciais ao deslocamento em campo”.

### **2.13. A expedição indonésia e o médico, crônica de uma tragédia que não aconteceu (Breve estudo de caso)**

Farei um espaço aqui para relatar um acontecimento (que se relaciona com o anteriormente exposto) no qual me vi envolvido e que me pareceu muito interessante para entender as relações de poder que permeia esta micro-sociedade no Monte Aconcágua.

Um dos meus entrevistados era um médico neurologista, especialista em neurocirurgia que tinha vindo sozinho à montanha. Bom de papo, muito autoconfiante e grande conhecedor da história e política do seu país. Conversamos bastante e se mostrou muito interessado na pesquisa. Soube por ele que não tinha muita experiência em montanha, já que em seu país não existiam montanhas altas, apenas morros e serras. Me contou também que tinha feito amizade com algumas pessoas (principalmente os guias) de uma expedição da Indonésia com quem se comunicava em inglês. E que pensava unir-se a essa expedição para não continuar sozinho para os acampamentos de altura. Após horas de conversa, e quando estava começando se despedir para ir dormir (havia contratado os serviços de outra empresa) já que no outro dia iam começar a subir, perguntei sobre seu equipamento. Me contou que estava um pouco escasso de equipamento e foi buscar para me mostrar.

---

<sup>44</sup> A Equipe de Resgate da Polícia de Mendoza mudou sua forma de operar, faz mais de uma década é estável no Parque e operacional desde Nido de Cóndores, o que aumenta notavelmente sua eficiência.

Vinte minutos depois retornou com seu equipamento, que logo percebi não teria condições de resistir a uma situação de emergência. Como havíamos nos dado muito bem, decidi emprestar parte do meu equipamento (botas duplas, luvas mitões<sup>45</sup>, e jaqueta de gore-tex) e assim saí rumo ao seu acampamento. Não tive notícias dele por alguns dias até que uma noite que em que estava reunido com um grupo de amigos comendo num outro acampamento, escutamos pelo rádio uma situação de emergência envolvendo a expedição indonésia. A comunicação era um pouco confusa já que tínhamos perdido o começo, mas entendemos que um grupo havia se separado, sendo que uns seguiram para o cume muito tarde e outros tentavam retornar ou tinham retornado. O grupo que foi para o cume tinha também se dividido e alguns foram para o cume e outros ficaram esperando num local conhecido como La Cueva (6.650 msnm) que fica na base da Canaleta. No fim o grupo se reuniu novamente, mas sem conseguir descer desde La Cueva para Berlim ou Campo Cólera (5.950msnm) onde estavam as barracas. Quatro dos membros da expedição passariam a noite toda tentando sobreviver num bivaque. A equipe de resgate estava saindo. Escutamos que um porteador havia acompanhado uma pessoa que voltava para Berlim que estava com suspeita de congelamento nas mãos e nariz. Fomos dormir pensando na sorte dessas pessoas, pensando que na manhã seguinte teríamos a notícia do óbito de pelo menos os quatro que tinham ficado em La Cueva. Mas essa noite foi muito calma e sem nada de vento. E isso foi o grande diferencial para eles ficarem vivos, numa outra condição climática eles morreriam com certeza. No outro dia a equipe de resgate tinha feito contato e começava o descenso com as vítimas, e o membro que estava em Berlim estava tomando uma atitude estranha, que indignou as pessoas, não estava querendo descer, mesmo com os graves problemas de congelamento que já eram evidentes. Tratava-se do meu amigo médico. Em Nido de Condores foi atendido por uma expedição que casualmente fazia parte de um curso de medicina de montanha.

Após um dia e com muito esforço todos eles desceram vivos. O H. foi ajudado a descer chegando de noite. No outro dia houve um corre-corre e os comentários começaram a circular pelos acampamentos, H. teria se negado a ser evacuado de helicóptero para Puente de Inca (mais tarde ele me contaria que haviam falado para ele que poderia embarcar

---

<sup>45</sup> As luvas mitões ou simplesmente mitões, são luvas onde os dedos da mão (exceto o polegar) não estão separados.

num segundo voo, sem problemas). Todos estavam mais do que indignados.

H. apareceu por nosso acampamento de manhã e parecia outra pessoa, o olhar perdido, toda sua autoconfiança tinha se evaporado. Parecia em choque. Chegou outro aviso dos guarda-parques, seria evacuado na segunda viagem do helicóptero, porém essa viagem não se concretizou porque o helicóptero havia sido contratado por um cliente e não poderia levar mais peso. H. ficou. A médica, após um primeiro atendimento, se negava a continuar atendendo-lhe porque este se havia negado a ser evacuado. As pessoas começaram a tratar ele muito mal, e no melhor dos casos como se fosse um indivíduo com problemas mentais. Mais uma vez esta médica se negava a atendê-lo apesar de que se fizeram duas tentativas de convencê-la. H. começou a tentar se curar sozinho com minha ajuda e de um cliente mexicano. Com a troca de médico, este outro profissional não se opôs a atendê-lo, iniciando o tratamento para evitar a necrose e a infecção. Mas eu via que o H. que havia subido não era o mesmo H. que havia descido. Algo havia se quebrado nele. Em Plaza de Mulas havia pouquíssimas pessoas que achassem errada a atitude da médica e a grande maioria achava que H. não merecia melhor atendimento pelo fato de ter se negado a ser evacuado. Houve diferentes propostas de evacuá-lo para Puente del Inca sem ajuda oficial, mas no final foi embarcado no helicóptero e evacuado. Conversei em várias oportunidades com as pessoas após H. ir embora e a grande maioria o culpava por todo este transtorno. Nem o guia indonésio que negligentemente arriscou a vida dos membros da sua expedição, tentando o cume tão tarde, foi tão criticado quanto o foi H.

Na minha opinião houve um caso de culpabilização da vítima, de características semelhantes com os casos de estupro nas sociedades patriarcais, onde a vítima é culpada por ser mulher (violência de gênero), mas que se disfarça com argumentos de que estaria provocando por meio de roupas ou atitudes<sup>46</sup>. Esta situação, que durou um par de

---

<sup>46</sup> Segundo o estudo apresentado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a violência de gênero é um reflexo direto da ideologia patriarcal, que demarca os papéis e as relações de poder entre homens e mulheres. A cultura do machismo, disseminada muitas vezes de forma implícita, coloca a mulher como objeto de desejo e de propriedade do homem, o que termina legitimando e alimentando diversos tipos de violência, entre os quais o estupro. Tal argumento é capaz de justificar a ocorrência preponderante no Brasil dos estupros contra as mulheres (89% das vítimas) perpetrados pelos homens (98,2% dos agressores). Disponível em <<https://jus.com.br/artigos/27429/a-culpabilizacao-da-mulher-vitima-de-estupro-pela-conduta-do-seu-agressor>> Acesso em 23/11/2017

dias e da que participaram muitíssimas pessoas, leva a pensar em possíveis motivações, além do preconceito. Podemos pensar que a nacionalidade do sujeito (cubano), que sua pouca experiência em montanha, que uma certa vulnerabilidade econômica, que a dificuldade de reconhecer um estado de choque (e assumi-lo como negligência), que este mesmo estado de choque impossibilitou uma boa comunicação gerando um desentendimento sobre a evacuação no helicóptero e, finalmente, que um certo corporativismo entre os *campamenteros* e a equipe médica possam ter colaborado neste processo de culpabilização.

Mas esta história teve uma continuação na temporada seguinte 2017-18.

H. voltou ao Monte Aconcágua. As duas perguntas que muitos dos que conheciam o que tinha acontecido no anterior eram: a) **veio a se suicidar?** b) **por que ele quer tanto subir?** Das duas perguntas a segunda é a que mais me interessava. Numa conversa que tivemos quando ele desceu depois de uma tentativa falida ao cume o H. tinha me falado que até alguns meses atrás ainda estava realizando reabilitação para recuperar as mãos que tinha congelado o ano anterior cujos dedos se haviam necrosado. Também me falou que estava feliz de ter tentado (mesmo não conseguindo chegar ao cume) e que voltava feliz para seu país no outro dia. Mas... No outro dia já tinha mudado de opinião e queria voltar a tentar o cume. Apesar de que muitas pessoas (incluindo eu) lhe aconselharam não subir, ele se uniu a uma expedição de espanhóis e tentou de novo. E desta vez conseguiu chegar ao cume da montanha mais alta das Américas. Muito feliz quando voltou e me contou o tudo, inclusive que tinha caído na Travessia que vai até La Cueva, escorregando no gelo e despencado, deslizando sem controle quase 25 metros (segundo suas palavras) até que conseguiu cravar um bastão. H. nessa hora que me contava, acredito, não estava totalmente ciente de que havia escapado da morte. Para ele só haver chegado ao cume, e ser o primeiro do seu país a consegui-lo, era o mais importante.

## 2.14. O consumo de cumes e suas estratégias

A segunda consequência (lembrando que a primeira é o aumento do efetivo médico no Parque Provincial Aconcágua) foi comentada pela maioria dos entrevistados experimentados e assumida por muitos clientes: o uso de medicamentos como ajuda extra para subir ao cume. Entrevistados disseram haver visto em pelo menos uma oportunidade algum guia oferecendo medicamentos – provavelmente dexametasona – para os clientes para conseguir chegar ao cume (eu particularmente não

testemunhei qualquer evento destas características, porém me foi informado que isto acontece geralmente muito perto do cume). Também membros da equipe de resgate expressaram que esta situação é bastante comum em expedições comerciais. Um guia de montanha chamado F. me disse que algumas empresas cobram dos seus guias que levem os clientes para o cume, praticamente de qualquer forma, isso inclui medica-los para que alcancem o objetivo. Poderíamos incluir que, com a mesma motivação (ainda que não seja um medicamento) é o uso da corda curta<sup>47</sup> para puxar alguém rumo ao topo da montanha. Nesta última temporada em campo (2017-18) tive a oportunidade de conversar rapidamente com o Dr. Ignacio Rogé, chefe do Serviço Médico do Parque Provincial Aconcagua desse 2010. Nesta informal conversa, ele coincidiu que o uso de medicamentos para incentivar subidas não era a forma certa de proceder na montanha.

Ontem (06/02/2017), depois de que no dia anterior uma dor de cabeça não me permitiu ascender, subi a Nido de Condores (5.400mm). A subida foi muito dura estava carregado 20kg na mochila e nos dias anteriores havia nevado bastante. Saí de Plaza de Mulas às 10,4h e cheguei as 18h. Muito cansado montei a barraca e comecei a derreter neve para fazer água e preparar um suco. Depois fiz uma sopa com umas bolachas salgadas e dormir. Na subida conversei com um polônês, biólogo de profissão. Ele de alguma forma sintetizou o que a maioria tinha me falado: “Para mim o cume está lá cima, onde está o final do meu caminho”. Nos dias que permaneci em Nido de Condores, nem na subida a Campo Cólera e Campo Berlim não vi ninguém subir puxado por uma corda.

Ficou evidente, à medida que a pesquisa em campo avançava, que deveria fazer mudanças no primeiro quadro sobre o cume do experiente e do inexperiente, pois se começa a perceber que até os mais experientes guias estão vendo o cume no mesmo lugar que os inexperientes (cima da montanha). Isto parece confirmar-se pelo uso da medicação para subir. Numa entrevista apresentei a uma moça que trabalha como guia e *porteadora* a hipotética situação de estar a poucos metros do cume de uma montanha como o Everest e sem condições de continuar subindo. Perguntei se ela aceitaria ser puxada por uma “corda curta” sabendo que sem essa ajuda não conseguiria chegar ao cume. A

---

<sup>47</sup> A “corda curta” é uma técnica que permite a quem está realizando o resgate, na descida, ter controle da vítima, prevenindo possíveis quedas. Mas a utilização de técnicas com cordas é muito mais complexa que isto, podendo se usar em escaladas, travessias em gelo e resgates.

resposta dela foi positiva, ela aceitaria ser puxada para alcançar o cume. Ela disse também que é contra essa “ajuda”. Uma contradição que não conseguiu explicar claramente. Esta contradição ética é muito interessante, pois coloca o cume como algo mais importante que a sua própria posição ética como guia e montanhista experiente. Alguns entrevistados disseram que há uma corrente de opinião que prevê que em um futuro próximo o uso de garrafas de oxigênio seja comum para os clientes. Tornou-se evidente nas entrevistas que estas consequências são amplamente aceitas pela maioria e, muitas vezes, eloquentemente elogiadas. Não cabe aqui abrir juízos sobre isto, mas sim evidenciar a relação entre o lucro desejado como resultado da produtividade (mais pessoas no cume) e suas consequências. O que parece estar claro na maioria das pessoas que converso é que cada vez são menos os sujeitos que tem experiência em montanha e mais os turistas (isto dito pelos próprios montanhistas). As empresas pressionam para que os guias levem mais quantidade de pessoas ao cume. Um guia com muitos anos de experiência me disse uma coisa que me chocou muito, mas que olhando a realidade atual e fazendo uma brincadeira de estimativa para daqui alguns anos:

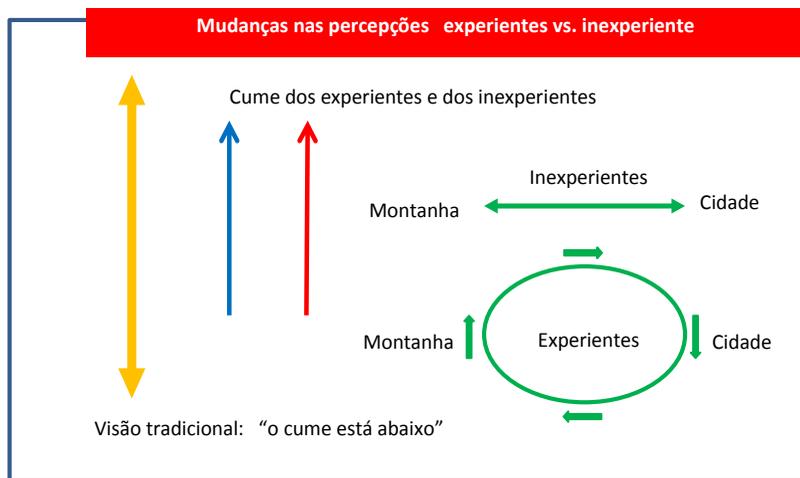
- Marce, não te surpreendas se daqui alguns anos estejam levando pessoas ao cume (do Aconcágua, já que nas montanhas do Himalaia já é uma prática antiga) com tubos de oxigênio<sup>48</sup> desde Plaza de Mulas.

Se compararmos o primeiro quadro Hipóteses de percepções, experientes vs. Inexperientes (Quadro 1) com o seguinte quadro (Quadro 3) veremos que este último está claramente modificado, principalmente porque agora tanto experientes como os inexperientes situam o cume acima, no topo geológico da montanha (**cume primário**) embora, como já foi colocado, a visão tradicional continue sendo “o cume está abaixo”. Aparentemente a pressão exercida visando o lucro das empresas teria modificado isto produzindo uma reconfiguração da cultura de montanha, desenhando outra mais pragmática e que precisa que todas as engrenagens funcionem para que não aconteçam tragédias, provavelmente isto explique o aumento do pessoal médico no Aconcágua.

---

<sup>48</sup> O guia me disse que o uso de oxigênio faz que, desde o ponto de vista fisiológico, o cume de uma montanha como o Aconcágua de quase 7.000 metros diminua para 2.000 metros.

Quadro 3 – Síntese gráfica do resultado da pesquisa de campo



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Sobre o vector bidirecional (**lado de cá – montanha e lado de lá - cidade**) não parece haver grandes modificações, mantendo-se sobre os mesmos preceitos sugeridos pela hipótese inicial do projeto de pesquisa anterior ao trabalho de campo.

Aparentemente a pressão exercida nos profissionais envolvidos (guias com mais cumes adquirem maior prestígio profissional e consequentemente são mais contratados) para abastecer o marketing das empresas prestadoras de serviços de montanha com base no Aconcágua e sua utilização para a venda do produto (**cume de uma montanha famosa**) produziu outra forma de enxergar (e exercer) o ato de guiar (tanto por guias como pelos clientes). A isto se soma a utilização do próprio marketing pessoal do cliente que pretende usufruir o prestígio de ter estado no cume de uma montanha como o Aconcágua no fim de uma expedição “bem-sucedida”. A corrida comercial pela obtenção da foto no cume (registro da conquista) colaborou em produzir esta mudança na localização do cume, pois as pessoas não compram (e nem lhes é vendido) o direito de participar de uma expedição de alpinismo, mas certa “obrigatoriedade contratual de chegar ao cume”. Parece evidenciar-se na análise das informações, que os fatos, atitudes e consequências desta reconfiguração da cultura de montanha, hoje são vistos, entre os sujeitos participantes, como algo normal e que esta

experiência é transmitida, principalmente, entre os alpinistas de diferentes gerações. É retransmitida aos participantes das atividades na montanha em geral.



### 3. CAPÍTULO III

#### Patchwork

*“Foi nesse contexto que meus interlocutores, promovidos à revelia ao papel de informantes’ (como se dizia no jargão profissional, um tanto policialesco, aceitaram, com alguma relutância prestar-se a minhas primeiras tentativas de investigação etnográficas”.*

Davi Kopenawa e Bruce Albert, 2015.

### 3.1. Nesta colmeia não tem vespas, mas um enxame de abelhas

Esta última parte do texto pretende resgatar a leitura do escrito no Diário de Campo e a multiplicidade de vozes que ajudaram a construir esta etnografia. Vou tentar, correndo o risco de os acontecimentos parecerem desconectados uns com os outros na escrita, colocar aqui algumas das coisas que me pareceram importantes de destacar com o intuito de reforçar o texto do capítulo anterior, vejamos:

Numa conversa com um dos guias mais antigos do Aconcágua sobre cumes, êxito (ou *exitismo* como ele definiu), pressão das empresas e o uso de medicamentos, percebi que, aparentemente, havia também uma nova forma de entender a profissão de guiar pessoas em relação à aquela onde o guia mostrava o caminho, ajudava a contornar as dificuldades e decidia até onde as pessoas poderiam subir em segurança. Hoje o guia parece estar disposto a ultrapassar limites de segurança se há chances de o cliente alcançar o cume.

- Marce, o se conquista o cume ou não se é nada- ele disse com um pouco de pesar.

De opinião semelhante, porém em outra conversa, outro guia (mais novo na profissão) relatou “eu também acho que o cume atualmente está cima”.

O próximo diálogo aconteceu entre um guia (mais novo que aquele que acabei de relatar) e a mãe de uma *porteadora* da empresa onde ficava minha base e que tinha ido visitar a filha e acompanhar o marido que participava de uma expedição. Este exemplo vai ao encontro do que já expusemos no estudo de caso do médico e a expedição indonésia. O tema era a morte, acontecida no final da década dos noventa, de um alpinista conhecido por todos nós. Este jovem morreu na travessia que une (ou separa) Plaza França com Plaza Argentina. Se trata de uma trilha que percorre e atravessa um *collado*<sup>49</sup> com uma descida íngreme que precisa muita atenção e cuidado e que se o montanhista errar se encontrará numa situação extremamente perigosa. A cena que vou descrever aconteceu após eu comentar este fato esperando que fosse

---

<sup>49</sup> Collado é uma formação geológica que une duas montanhas, geralmente tem a forma de uma letra U aberta digamos que é o ponto mais baixo entre as duas montanhas. Também conhecido como Passo ou Portilho.

<sup>50</sup> Boludo ou Pelotudo são sinônimos. Trata-se de um xingamento muito utilizado na Argentina, que em sua origem pretendia desqualificar a uma pessoa por sua lentidão (motora e de raciocínio). Atualmente perdeu um pouco sua característica de insulto, mas não no caso que estou relatando.

o gatilho para que falássemos dos velhos tempos, mas o que aconteceu foi que este guia começou a falar da seguinte forma.

- Ele morreu por BOLUDO<sup>50</sup>!!! Ele foi um imbecil que morreu por PELOTUDO!!!

Não trates a meu amigo assim- disse a mulher que conhecia muito bem o jovem falecido

-NÃO QUERIDA ELE MORREU POR PE-LO-TU-DO!!!! – Quase gritando.

Assim continuo cada vez levantando mais a voz. Num determinado momento vi que a coisa estava degringolando e que a mulher estava sofrendo por dois motivos, porque estavam falando mal do seu amigo e pela violência da agressão verbal, assim que aos poucos consegui mudar a conversa e a “tranquilidade” voltou (mais ou menos).

Outra coisa interessante de presenciar foi uma venda de garagem que aqui poderíamos chamar de *domosale* por ser realizada num dos domos. Em nada difere aos similares realizados na cidade, uma pessoa coloca à venda seu equipamento (ele não quer pagar excesso de bagagem, algo bastante comum entre estrangeiros) a continuação se corre a voz desta venda e os trabalhadores (principalmente *porteadores*) se aproximam para comprar, sempre o regateio é a regra e os preços geralmente diminuem, eu mesmo comprei uma jaqueta e um saco de dormir de plumas muito barato.

Conversei com um *arriero* sobre o motivo de estar trabalhando no Aconcágua depois de mais de 15 anos sem subir, a resposta foi que os filhos estavam trabalhando e ele quis acompanhar-lhes.

Também assisti (novamente) ao polêmico vídeo do caso Campanini<sup>50</sup>. Este vídeo ilustrava uma carta aberta que supostamente

---

<sup>50</sup> Federico Campanini era um guia mendocino que morreu alguns anos atrás no Aconcágua apesar dos heroicos esforços da equipe de resgate. Este caso foi emblemático pois a equipe de resgate foi muito criticada – principalmente pela família da vítima e por pessoas alheias ao montanhismo – por uma suposta falta de solidariedade no trato com a vítima, negligência no resgate e abandono de pessoa. Porém, deve ficar claro que realizar um resgate nas condições excepcionais que esse aconteceu, admite medidas extremas na tentativa de salvar a vítima, mas também precisa principalmente tomar decisões claras para preservar a vida dos membros da equipe de resgate, para não ter mais vítimas a lamentar. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Jz5fiTEWF9Q>> Acesso em 23/11/2017. Também coloco aqui a resposta do chefe da equipe de resgate sobre as críticas. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=PIwKWWXeEE> > Acesso em 23/11/2017.

resumia o sentimento das pessoas que estavam em Plaza de Mulas na época daquele triste momento e que de alguma maneira participaram ou se viram envolvidas no triste episódio, o vídeo com a carta aberta (que se viralizou na internet) me foi colocado pelo autor da mesma, um artista plástico que montou uma galeria de arte em Plaza de Mulas.

Talvez a notícia mais importante (e triste) em todo o tempo que passei em campo foi o falecimento de uma pessoa no cume da montanha. Não sei qual foi o resultado do laudo pericial oficial da causa mortis, mas muitas pessoas acreditam que se deveu ao esforço de chegar ao cume. O corpo permaneceu alguns dias na base de La Canaleta, até que houvesse condições de descer o cadáver. A equipe de resgate da polícia deve remover o cadáver até Nido de Condores (5.400msnm) onde o helicóptero terminará a remoção do corpo até Ponte de Inca e posteriormente Mendoza. Na continuação deste trabalho pretendo aprofundar no estudo da categoria morte no alpinismo e suas derivações.

Estou escrevendo isto na noite do quinto dia em Nido de Condores na barraca que um amigo, me emprestou. Acabei de decidir que apesar de me sentir muito bem e que estarei na companhia do J. (padrinho da minha filha) e de C., sua esposa, não vou tentar subir ao cume do Aconcágua. Esta decisão não foi fácil. Curiosamente percebi que estava agindo exatamente igual as pessoas com as quais converso e que fazem parte de minha pesquisa. O cume estava começando a se tornar uma obsessão, voltar com a foto com a bandeira da UFSC parecia ter se transformado no grande motivo de eu estar aí. Foi bom reencontrar velhos e queridos amigos, assim como conhecer outros, de quem, com certeza sentirei saudades, mas meu cume está com minha família. Já estive no topo do Aconcágua e não há nada aí que agora me interesse.

---

Figura 44 - Última noite em Nido de Condores

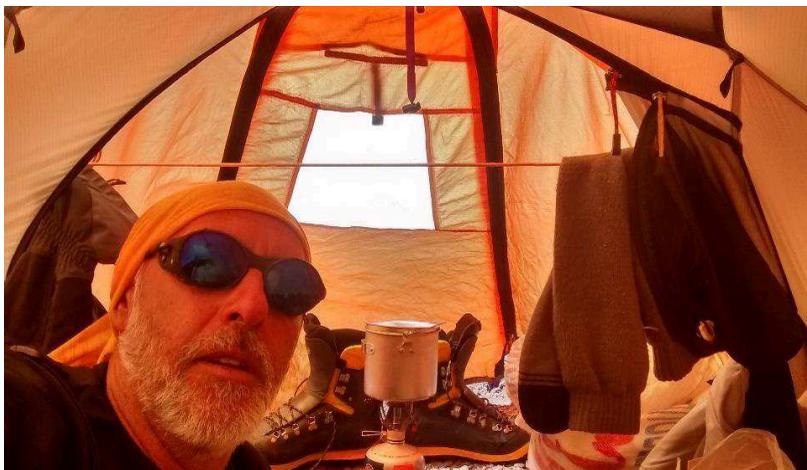


Foto: Marcelo Balvoa

Vou descer amanhã a Plaza de Mulass, ajudarei a meu bom amigo M., com os clientes e vou pedir as mulass para descer as minhas coisas. Esta parte da pesquisa acabou, acredito que já tenho suficiente material para muito trabalho de análises de dados. Estou contente com minha decisão.

### 3.2. Palavras finais

Este trabalho de pesquisa me proporcionou muitos e diferentes momentos: reflexão, saudades, tristeza, alegria. Mas talvez o que mais se repita seja o de perplexidade. Fui a campo pensando em como utilizar ao máximo as palavras pedagógicas de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), sobre o trabalho do antropólogo: “olhar, ouvir, escrever”. Este novo olhar que a antropologia me deu, provocou mudanças em mim que se refletiram em como ver o outro (estranhamento). Aprender a escutar, foi difícil, acostumado a selecionar, filtrando o que pretendia como “a verdade” do que considerava inverdades. Aprender a escrever uma etnografia foi de longe a tarefa mais árdua e desgastante, e que penso estar longe de dominar. Desde já peço desculpas por isto aos futuros pobres, sacrificados e corajosos leitores que um dia possam se arriscar a ler por prazer (ou necessidade) estas páginas.

Quando comentava que queria voltar ao campo mais uma vez, mesmo sem a necessidade acadêmica de completar uma disciplina. Me

perguntavam: para que ir de novo se você não tem bolsa? E respondo como Mallory: porque está aí. E porque alguém tem que continuar este trabalho.

O Monte Aconcágua, não é para mim só mais uma montanha famosa, mas uma forma de me pensar e pensar os outros. Também de me encontrar, encontrando os outros. Esta pesquisa está só começando. Já sei que há uma mudança na cultura de montanha, sei que a relação entre os montanhistas e a biomedicina é cada dia mais forte, ultrapassando o ponto onde o uso medicamentoso é pós patológico para deixar lugar ao uso preventivo. Sei que as novas gerações de guias, sofrem pressões, muitas vezes absurdas, para colocar o cliente no cume, mudando (talvez para sempre) a visão tradicional de que “o cume está abaixo”. Sei também que Plaza de Mulas, deixou de ser um lugar de um exotismo bucólico (principalmente nos dias de nevada) para ser um centro turístico, com suas regras, costumes, novos interesses. Principalmente sei que este trabalho não é de jeito nenhum um trabalho individual, mas coletivo; feito entre todos os que transitam, escalam, vivem, sonham e amam no Parque Provincial Aconcágua e este pesquisador. Mas tudo isso ainda é superficial. Ainda há muito para pensar e entender.

## ANEXO I - Equipamentos

1. Barraca The North Face V25 (3 lugares)
2. Barraca Mesnner de Gore-tex (2 lugares)
3. Carregador solar (Sistema Fotovoltaico Móvel)
4. Saco de dormir Marmot -40°C
5. Material de escritório (cadernetas, canetas, lápis, etc.)
6. Isolante térmico Thermarest Z-Lite
7. Colchão auto inflável da Nautika
8. Mini Fogareiro
9. Fogareiro MSR
10. Mochila Lowe alpine 60+15 L
11. Mochila Simond 21 L
12. 2 Garrafa plástica Alpen Pass 1 L
13. Garrafa plástica 1 L
14. Garrafa térmica inox 1 L
15. Lanterna frontal Petzl Duo
16. Lanterna frontal de leds (para leitura e back-up) Petzl
17. Botas duplas Asolo AFS8000
18. Polainas de gore-tex OR
19. Meias de abrigo
20. Meias “segunda pele” .
21. Meias de trekking
22. Calças de gore-tex pretas
23. Calças de ski
24. Calça de Polartec The North Face
25. Blusa de polar azul
26. Blusa de polar The North face
27. Jaqueta de gore-tex The North Face
28. Jaqueta de thermo ball The North Face
29. Jaqueta The North Face Serie Summits preta com toca
30. Conjunto de segunda pele (camiseta e calça
31. Máscara de ski UVEX
32. Jaqueta de duvet Mountain Hard Wear
33. Bastões Nautika
34. Grampões p/gelo marca Crivel

35. 3 Buff preto, azul e amarelo
36. Notebook Samsung (logo trocado por um Sony Vaio)
37. Luvas de abrigo polar
38. Luvas segunda pele
39. Luvas de abrigo Thisulate e Gore-tex
40. Mitões de duvet, Polartec e Gore-tex
41. Piolet Cassin de 60cm
42. 2 Calças de trekking
43. Carregador de pilhas com entrada USB
44. GPS Garmin X-trem
45. Canivete Vitorinox
46. Óculos de sol Ray Ban
47. Óculos de alpinismo Julbo mod. Sherpa
48. Óculos de grau Ray Ban
49. Equipamento de cozinha (2 panelas, 1 frigideira, 1 prato fundo, 1 chaleira, concha, 2 canecas)
50. Estojo de Primeiros Socorros com remédios receitados e remédios comuns.
51. Lâmpada solar com entrada USB (logo trocado por um inflável de leds)
52. Caixa com elementos de costura (agulhas e linhas)
53. Kit de higiene pessoal (inclui protetor solar)
54. Handy YAESU FT-270R Transceptor portátil VHF
55. Máquina fotográfica Canon EOS
56. Placas solares

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. Prefácio; O Conceito de Esclarecimento in \_\_\_\_\_. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida Rio de Janeiro, ed Zahar, [1944] 1985, p. 11-47.

ANDRADE, Ana Paula Muller de e MALUF, Sônia Weidner. *Loucos/as, pacientes, usuários/as, experientes: o estatuto dos sujeitos no contexto da reforma psiquiátrica brasileira*. In SAÚDE DEBATE, Rio de Janeiro, V. 41, N. 112, p. 273-284, JAN-MAR 2017

ARNOLDI, Christian. *La montagna anomica e la devianza intermitente "Social problems" nell'a área alpina*. Teses de doutorado em Criminologia, Sociologia Jurídica, Università degli Studi di Bologna, Itália.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Jorge Zahar. [2005] 2009.

BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BOAS, Franz. *A formação da antropologia americana, 1883-1911*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, Trad. Fernando Tomaz, Lisboa. Ed. Difel, p. 7-16 e 59-73. 1989.

\_\_\_\_\_. *A distinção: crítica social do julgamento*, 2ed. 1ª reimpressão. Porto Alegre, RS. Ed. Zouk [1979] 2008.

\_\_\_\_\_. *Programa para uma sociologia do esporte*. In: \_\_\_\_\_, P. *Coisas Ditas*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1990.

BONI, Valdete, QUARESMA Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais* Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80

CREASEY, Malcom, SHEPERD, N., BANKS, N., e outros. *Historie de L'Escalade* in *Le Grand Livre de L'Escalade*, Trad de l'anglaise

Stéphanie Alglave, Chatal Bourgeon et Cécile Giroldi. Éditions Minerva, Genève, Suisse [1999] 2001 p.8-15.

DIETZ, Thomas E. *Projeto 5 a. Tutorial de Altitude*, International Society for Mountain Medicine. 2006. Disponível em <[http://www.ismmed.org/np\\_altitude\\_tutorial.htm](http://www.ismmed.org/np_altitude_tutorial.htm) > Acesso em 17/06/2016.

DE AQUINO LEMOS, Valdir, MOREIRA ANTUNES, Hanna K., THOMATIELI DOS SANTOS e outros. *Efeitos da exposição à altitude sobre os aspectos neuropsicológicos: uma revisão da literatura*. Revista Brasileira de Psiquiatria, v32, nº 1, mar. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v32n1/aop1309.pdf> > Acesso em 17/06/2016.

ERIKSEM, Thomas, H., NIELSEN, Finn, N. *História da Antropologia*. 4 ed. Petrópolis, RJ, ed Vozes, 2010.

FERNÁNDEZ, Mauricio J. *Aconcágua. La cima de América*. Ed autor, Mendoza, Argentina, 2008.

FIRTH, Raymond, *O contexto social da organização econômica* In Elementos de Organização Social, Rio de Janeiro, RJ Zahar, 1974.

FOUCAULT, Michel, *O nascimento da medicina social* In Microfísica do Poder. Organização e introdução de Roberto Machado, 3.ed. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Graal, 1982.

\_\_\_\_\_ *A arte das distribuições e A sanção normalizadora* In Vigiar e punir, nascimento da prisão, trad. Raquel Ramallete, 42 ed, Petrópolis, RJ. Ed Vozes, [1975] 2014, (p.139-146 e 174-180).

HARDY, Jorge E., *El proceso de urbanización* In América latina en su Arquitectura, relator Segre, R. ed. Siglo XX editores, Paris, Francia, [1975] 1983, p.50.

HARARI, Yuval N. *O fim da preguiça* In Sapiens, uma breve história da humanidade. Trad. Janaina Marcoantonio. 28.ed., Porto Alegre, RS, Ed. L&PM, [2015] 2017, p.79-87.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. Rev. Tec. Célia Paoli, São Paulo, SP. Ed. Companhia das letras [1994] 1996.

KUPER, Adam *O presente etnográfico: Adam Kuper entrevista Issac Schapera*, Mana vol.7 no.1 Rio de Janeiro, Apr. 2001 p.133-163.

LE BRETON, David. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira, Campinas, SP. Ed Autores Associados, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Antropologia estrutural*, trad. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, ed Cosac Naify, [1958,1974] 2008, (p.154-155).

LOGAN, Joy. *Aconagua: The Invention of Mountaineering on America's Highest Peak* Tucson, AZ: University of Arizona Press, 2011.

MARX, Karl. *A mercadoria* In *O Capital: critica da economia política*. Livro I, trad. Rubens Enderle, São Paulo, ed. Boitempo,[1932] 2013, cap.1, (p.113-158).

MIGNONE, Pablo. *Ritualidad estatal, capacocha y actores sociales locales. El Cementerio del volcán Lullaillo* In *Estudios Atacameños Arqueología y Antropología Surandinas*, N° 40 / 2010, pp. 43 – 62.

ORTNER, Sherry. *Life and Death on Mount Everest: Sherpas and Himalayan Mountaineering*. Princeton, Princeton University Press, 1999.

\_\_\_\_\_ Entrevista sobre por que foi pesquisar no Nepal. Cad. Pagu nº.27 Campinas July/Dec.2006. Disponível em <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332006000200016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000200016)  
 Acesso em 25/05/2015. >

SCHOBINGER, Juan. *Los santuarios de altura incaicos y el Aconagua: aspectos generales e interpretativos*. Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología XXIV. Buenos Aires.

1999. Disponível em < <http://www.saanropologia.com.ar/wp-content/uploads/2015/01/Relaciones%2024/01.-%20Schobinger%20ocr.pdf>> Acesso em 25/05/2016.

TERRAY, Lionel. *La cara norte del Eiger* In Los conquistadores de lo inútil. Trad. Hegewiz, E., Gordito, J. I., Preto, S. Ed. Desnível, Madri, Espanha, [1961] 2015, p.157-158.

THE MOUNTAINEERS. *Mountaineering: The Freedom of the Hills (50th Anniversary Edition)*. 8th Ed. Mountaineers Books [1960] 2010.

VIDELA, Maria. A., SUÁREZ, Jorge, *Mendoza andina: precordillera, alta cordillera*. Ed. Adalid, Mendoza, Argentina, 1991.

VILLAÇA, Nizia Maria Souza. *Antropologia da igualdade: do anonimato à fama* In Revista

UNINTER de Comunicação lvol. 3, n.4, p. 106 – 116 | jan – jun 2015.

VITRY, Christian. *Los espacios rituales en las montañas donde los inkas practicaron sacrificios humanos*. In: Paisagens Culturais. Contrastes sul-americanos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Belas Artes, Ed.Carlos Terra y Rubens Andrade editores, 2008, (p 47 – 65)